

# Da arte de fazer eremitãos e de construir eremitérios. As fontes literárias e iconográficas do *Tratado en contra y pro de la vida solitaria* (Veneza, Giacomo Cornetti, 1592) de Cristóbal Acosta

José Adriano de Freitas Carvalho

*Pour l'historien, toute oeuvre littéraire ou artistique n'est pas seulement ce que son auteur a voulu qu'elle soit; elle est aussi ce que l'histoire en a fait<sup>1</sup>.*

I – De Cristóvão da Costa – Cristóbal Acosta, como, castilhanizado, aparece nas portadas dos seus livros – pouco mais se sabe que o que rezam as mesmas portadas e os dados que alguém dito amigo (ou talvez até o próprio autor sob essa capa) compilou no prefácio de um deles, talvez o mais interessante para nós hoje – *Tratado* ou *Libro en loor de las mugeres*, igualmente publicado em Veneza nesse mesmo ano de 1592, que, tanto quanto podemos conjecturar, é também o ano de sua morte. Para além das obras de Medicina e de Botânica também com fins medicinais, que lhe deram fama e direito a serem traduzidas de castelhano em italiano, francês e naturalmente em latim<sup>2</sup>, deste discípulo e abreviador de Garcia de Orta<sup>3</sup> que, como o mestre, também andou pelo Oriente<sup>4</sup>, pouco mais sabemos, porque – ou quase porque – Barbosa Machado também pouco

1. Michel PASTOUREAU, *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*, Paris, Seuil, 2004, 318.

2. Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, I, Lisboa Occidental, Officina de Antonio Isidora da Fonseca, 1741 (aliás, Coimbra, 1965), 572-573.

3. Conde de FICALHO, *Garcia da Orta e o seu tempo*, Lisboa, 1886, 386-387.

4. Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, I, ed. cit. 572, di-lo partido para a Índia na companhia do Vice-Rei D. Luis de Ataíde; Cristóbal ACOSTA, *Tratado en contra y en pro de la vida solitaria. Con otros dos Tratados, uno de la Religion, y Religioso, otro contra los hombres que mal viven. Dirigidos al Rey Don Philippe Nuestro Señor*. Con privilegio. In Venetia, MDXCII, Presso Giacomo Cornetti, 142r ao escrever essa página do capítulo final do *Tratado en contra y en pro de la vida solitaria* recorda «aquellos gentílicos Bragmenes: y los otros llamados Ioges, en las Indias (de los quales como testigo de vista, digo aunque poco, en el libro que hize de las drogas Orientales)...»; e no *Tratado de la Religion y religioso*, 198r lembra ainda a sua experiência de viajante: «O, hermano religioso, si acaso has visto lo que yo muchas vezes, que me halle en tormentas en la mar, y vi anegar muchos ante mis ojos. Conosçeras, quam bueno es, quando los otros se estan anegando, estar tu en tierra seguro de aquel peligro, y rogando a Dios por ellos». (A foliação do volume é contínua para os três *Tratados* nele incluídos: 6r-146r, *Tratado en contra y pro de la vida solitaria*; 147r-211v, *Tratado de la Religion y religioso*, com portada própria; 212r-230r, *Collacion a los Mobatrerros, usureros, aparceros, tratantes y seducadores*, com semi-portada própria,

mais sabe. E, curiosamente, essa preciosa fonte de informação erudita que continua a ser o dou-tíssimo Abade de Sever nem sequer tinha conseguido ver esse *Tratado en contra y pro de la vida solitaria...*, pois, como implicitamente confessa, apenas o referencia pelas notícias que dá esse prefácio do *Tratado en loor de las mugeres*<sup>5</sup>..., tal como dois outros tratados publicados juntamente com o *Tratado en contra y en pro de la vida solitaria*: o *Tratado de la religion y religioso* e o *Tratado contra de los hombres que mal viven*, sendo que este, a julgar pelo exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa que utilizamos, não é mais que a *Collacion a los mobatreros, usureros, apareceros, tratantes y seducadores* que, encerrando o volume, está datado de 15.7.1587<sup>6</sup>.

Admitamos, com Barbosa Machado, que nasceu em Tânger – assim se justificaria o determinativo “Africano” que segue o seu nome (Christobal Acosta, Affricano) e que, depois de viúvo, se teria – o condicional pretende desde já introduzir uma séria dúvida – internado por serras de Espanha – mais precisamente, pela serra de Tyrres – também grafada Thyrses e Tyrçes –, serra que ninguém, a não ser o autor que nela localiza a sua experiência de solitário e os religiosos que para lá lhe enviaram um mensageiro com uma carta, parece saber onde ficava ou onde fica<sup>7</sup>... – e dado à vida solitária de corte eremítico. Aceitemos estes últimos dados sem discutir, por agora, o que poderão dever, como muitos outros, à construção literária da própria obra. Não faltam exemplos em que a ficção biográfica se quis fazer passar e, conseqüentemente, foi muitas vezes lida como realidade biográfica ou mesmo autobiográfica...

II – O *Tratado en contra y pro de la vida solitaria* é, na sua estrutura, composto por duas cartas: uma, a «reverenda carta»<sup>8</sup>, escrita por «unos religiosos» dos quais também quase nada sabemos e datada «desta Santa Casa, 21 de Junio de 1587» em que pedem ao «Doctor Christobal Acosta, Africano» a quem muito bem conhecem que, tendo em conta a sua idade, o seu estado – viuvez –, os seus filhos<sup>9</sup>, o bem que fazia aos outros tanto pelo exercício da Medicina como pela sua agradável conversação, os confortos que usufruía em uma casa tão bem adornada como a sua<sup>10</sup>, etc., lhes explique as razões por que se decidiu a abandonar tudo isso e levar, por entre «los muchos hoyos y barrancos» da «peña de Tyrres», morando em «cavernosa habitación», vida solitária, pondo em risco a vida e a salvação da sua alma<sup>11</sup>...

que há que identificar com o *Tratado contra los hombres que mal viven*. (Citaremos sempre o primeiro por *Tratado...*, o segundo por *Tratado de la Religion...* e o terceiro por *Collacion a los Mobatreros...*, conservando o mais possível a ortografia, e disposição do texto – uma e outra muito descuidadas, não sendo sequer suficientes as «Erratas de la estampa, en este Libro de la Vida Solitaria» para corrigir descuidos e incorreções –, corrigindo apenas as evidentiíssimas gralhas tipográficas).

5. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 24v, a propósito do silêncio, remete para o que sobre o assunto escreveu «en el Libro que hazimos en Loor de las Mugeres, y en el del Amor divino, y humano, y en los de la Religion...». Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelbos, cartas e guias de casamento e espiritualidade na Península Ibérica, 1450-1700*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1995, 105, 308, 343 permite situar o *Tratado en loor de las mugeres* no quadro bibliográfico a que pertence.

6. Diogo Barbosa MACHADO, no lugar acima citado da sua *Bibliotheca Lusitana*, porque não pôde ver um exemplar do *Tratado en contra y en pro de la vida solitaria*, apresenta repetidos alguns títulos da bibliografia de carácter moral e religioso de Cristóbal Acosta. Por outro lado, o título que dá do *Tratado contra los hombres que mal viven* em lugar de *Collacion a los mobatreros, usureros, apareceros, tratantes y seducadores*, explica-se facilmente, não só porque é esse o título que traz no rosto do volume em que vem publicado, mas também porque, como seu resumo, a epígrafe que acompanha a paginação da *Collacion* é, afectivamente, «a los que mal viven».

7. José Adriano de Freitas CARVALHO, «Eremitismo em Portugal na Época Moderna: homens e imagens», *Via Spiritus*, 9 (2002), 83-145 (125, nº. 187).

8. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 92v.

9. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 9v.

10. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 13r.

11. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 12r.

Esses religiosos, em nome dos quais e em seu próprio escreve o prior da «Santa Casa», isto é, do convento, nunca vêm identificados pela sua ordem religiosa, embora de alguns saibamos o nome<sup>12</sup>. Conhecemos, porém, alguns dados que confirmam esse trato amistoso e convivência, pois Cristóbal Acosta diz-nos que o autor da carta que o questionava («Vuestra Paternidad») era muito «leydo... en las sagradas letras» e muito «curioso en saber vidas de sanctos, y de otros exçelentes varones, que tanto amaron a esta [vida] solitaria»<sup>13</sup>..., que pregava, como o ouviu o próprio médico-eremitão, que «por camino solo, estrecho, y aspero, se và al Cielo»<sup>14</sup>..., que, algumas vezes, «a la granja, o al monte se retira»<sup>15</sup>..., que «una tarde, andando nos paseando en el campo de Miraflores, en el lugar que dizen de la verdad», lhe confessou quanto desejava poder «vivir en un lugar como este, en donde no viesse ni comunicasse sino quando, o con quien quisiesse»<sup>16</sup> e, ainda, que «este mayo passado, hizo un anno, en la varanda de la huerta» praticara, com o amigo, sobre a questão dos hospitais e, mais precisamente, «sobre estos repartimientos, o, no bien repartidas lymosnas» que, tantas vezes infrutiferamente, juntavam<sup>17</sup>. Remeterão estas marcas para uma realidade topográfica? Miraflores aludirá à Cartuxa de Miraflores junto de Burgos? O cerimonial de tomada de hábito que descreve no *Tratado de la religion y religioso*<sup>18</sup> numa antevisão do que ele mesmo terá de cumprir no dia em que, terminada a sua experiência de vida eremítica, decidir passar à vida solitaria cenobítica, corresponderá ao cerimonial cartuxo do século XVI? Seja o que for, não deixa de ser estranho que, no momento em que se dirige ao seu amigo eremitão, o prior dessa «Santa Casa» tivesse na sua cela um seu amigo trapaceiro («mohatrero») e um «diligente corredor de la mohatra» que era «mas continuo en essa casa y visita mas vezes»<sup>19</sup>, circunstâncias que dão azo, como já se terá percebido, a essa violenta *Collacion a los mohatrerros*... que encerra o volume. Mas, apesar de estranho, talvez seja este um bom índice de que não será ilegítimo continuar a pensar em Burgos – essa rica cidade com o seu Consulado..., com os seus poderosos negociantes como os Malvenda..., com as suas nobres casas<sup>20</sup>... – como lugar donde essa «[Su] Paternidad» escreveu – se realmente escreveu... – ao eremitão da serra de Thyrses...

De qualquer modo, esses seus amigos religiosos, tendo em conta as circunstâncias da vida de Cristóbal Acosta – velho, viuvo, habituado a confortos e luxos, etc. – entendem que, não falando já dos que seguem vida religiosa em comunidade, mesmo «dentro das cidades e tumultos do mundo [hay muchos] que viven y pueden vivir en sanctas y divinas contemplaciones y con tan onestos exerçios y loables recreaciones»<sup>21</sup>. Para justificar o seu ponto de vista vão acumulando argumentos e pondo questões a que esperam resposta... A carta demorou cinco dias a chegar a esse «desierto», rapidez compreensível quando sabemos que, porque não havia correio – «ordinário» – para tal destino, a carta foi enviada por um «proprio» que há-de também tornar com a resposta<sup>22</sup>... A segunda

12. Cristóbal ACOSTA, *Tratado*..., 12r: «Aunque quiera no puedo parar aquí porque leyendo esta à algunos de vuestros amigos se atravessaram Fray Bartholome, y Fray Marcos, Fray Francisco, Fray Luis, Fray Antonio, y otros que vos aman, y vuestro bien dessean, y me hazen que os escriba de su parte lo que mas se sigue...».

13. Cristóbal ACOSTA, *Tratado*..., 128r.

14. Cristóbal ACOSTA, *Tratado*..., 16r.

15. Cristóbal ACOSTA, *Tratado*..., 66v.

16. Cristóbal ACOSTA, *Tratado*..., 66v.

17. Cristóbal ACOSTA, *Tratado*..., 59v.

18. Cristóbal ACOSTA, *Tratado de la Religion*..., 152r-153r.

19. Cristóbal ACOSTA, *Collacion a los Mohatrerros*..., 212r, 212v.

20. Ferdinand BRAUDEL, *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, Paris, Armand Collin, 1966, I, 84, 290, 405, 449; II, 57, 69...

21. Cristóbal ACOSTA, *Tratado*..., 6r.

22. Cristóbal ACOSTA, *Tratado*..., 12r.

carta é, como podemos imediatamente suspeitar, a resposta de Cristóbal Acosta «en pro de la vida solitaria»<sup>23</sup> e, como muitas cartas do tempo, é um autêntico tratado em louvor da vida eremítica que vai tecendo em jeito de resposta, mais ou menos sistemática, aos quesitos desses religiosos seus amigos. Apesar da sua extensão e da sobrecarga erudita, o *Tratado en contra y pro de la vida solitaria*, através de alguns acenos invocativos do principal destinatário – esse «Vossa Paternidad», «Vuestra Reverencia» – e de referências nominais dirigidas a algum dos religiosos («Vossas Reverencias», «Padres y hermanos») – especialmente um Fr. Pedro<sup>24</sup> –, logra manter bastante coerentemente o seu tom epistolar, se bem que, em algum momento, o atraiçoe ao dirigir-se a outro «lector» que não o destinatário primeiro da carta, marcando assim o deslizar da epístola privada – ou que começou, ficcionalmente ou não, por ser apresentada como privada – para o tratado dirigido a um público mais amplo<sup>25</sup>. Verdadeiramente, esta segunda carta propriamente dita não está datada, mas o último tratado – *Collacion a los Mohatrereros...* – dos dois que a acompanham vem datado «desta Santa Casa y peña de Tyrses, 15 de Julio de 87»..., o que poderia ser um índice tanto de que os dois primeiros tratados se complementavam<sup>26</sup> com a *Collacion a los Mohatresos...*, como de que o «proprio» – podemos imaginar com que humor... –, teria esperado cerca de um mês nesse «deserto» pela resposta... Talvez por isso, a carta foi escrita mais rapidamente do que teria gostado o seu autor, pois sabemos que «por despachar a este apressurado mensagero» abreviou muito do que queria dizer<sup>27</sup>..., se bem que nem por isso deixou de severamente criticar a convivência de religiosos com trapaceiros e usureiros, convivência que, na ocasião, viu confirmada por uma indiscrição do mesmo «apressurado mensagero». Efectivamente foi ele quem, trazendo-lhe dele pessoais saudações, revelou ao eremita que «quedava (al tiempo que se partio) el la çelda de [Su] Paternidad» o «mohatrero» «juntamente con su corredor»...<sup>28</sup> Por agora, continuemos a aceitar que todas essas marcas de realismo conferem veracidade à experiência eremítica de Cristóbal Acosta... A sua fuga do mundo para o deserto era até uma decisão recente – «yo hasta gora he estado metido na caliginosa y obscura noche de la ignorancia de lo que a mi alma cumplía...»<sup>29</sup> – e, como vimos, há pouco mais de um ano ainda andava no século<sup>30</sup> com barbas..., «sombbrero, capa y espada»<sup>31</sup>.

Analisemos, então, por simples amostragem – pois de outro modo nem o tempo de que dispomos nem o espaço das actas destas jornadas o permitiriam – as fontes principais do *Tratado* desse velho médico e botânico que um dia virou eremita..., para depois tentarmos ver como construiu o seu eremitério...

III – O *Tratado en contra y pro de la vida solitaria* é acompanhado de três índices – um de «Autores que se alegan en este Tratado de la vida solitaria», outro de «Varones preclarissimos que amaron la vida solitaria de que en este libro se haze memoria» – entre eles, além de Carlos V e de Francisco de Borgia, esse «doctissimo varon, y de gran nombre y reputacion, llamado Arias Mon-

23. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 13v.

24. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 74r.

25. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 40: «Acuerdate lector que esta vida es (como adelante veras particularmente probado) una continua guerra...».

26. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 94v: «porque se offresçe mucho que dezir de las particularidades que conviene à un Religioso, para ser perfecto, dexemoslo para quando tratarmos del, y de la religion mas en particular, en donde dire parte de lo que conviene al noviço, y professo, y lo que hade guardar para llegar al estado de perfeccion...».

27. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 68r, 90v.

28. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 212r.

29. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 84v-85r.

30. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 66v.

31. Cristóbal ACOSTA, *Tratado de la religion...*, 152r.

tano» que «oy vive y passa la vida contento en una penna serca de Sevilla» onde «haze vida de verdadero solitario»<sup>32</sup> – e ainda um outro que é uma «Tabla de las cosas particulares desta apologia» – em que no primeiro deles se elencam os principais autores de que Cristóbal Acosta se serviu para elaborar essa longa apologia do ermo..., mesmo sabendo que muitos dessas referências estão tomadas das suas fontes principais. E estas são: Fr. António de Guevara, de quem utiliza, desde a primeira linha da primeira carta, o célebre *Menosprecio de corte y alabanza de aldea* (Valladolid, Juan de Villaquirán, 1539), o *Oratorio de religiosos y exercicio de virtuosos* (Valladolid, Juan de Villaquirán, 1542) e ainda o *Aviso de privados y doctrina de cortesanos* (Valladolid, Juan de Villaquirán, 1539); e Fr. Heitor Pinto, de quem saqueia o *Diálogo da vida solitaria* da primeira parte da *Imagem da Vida Cristã* (Lisboa, Antonio Alvares, 1572)<sup>33</sup>. Apesar de genericamente referidos, algumas vezes até ao lado do texto que deles aproveita, convem dizer que, porém, do bispo de Mondoñedo extracta abundantemente sem, contudo, nunca os nomear, o *Menosprecio de corte y alabanza de aldea* e o *Aviso de privados...*, o que não acontece com o *Oratório de religiosos*, cujo título, como o da obra de Heitor Pinto, é precisamente, ainda que nem sempre, referido. E se de Petrarca aparece o nome e alguma alusão ao seu *De vita solitaria*, também convem ter presente que, como veremos, alguns dos textos que aproveita dessa célebre obra estão tomados dos que, por seu turno, dela toma Fr. Heitor Pinto, quem, por sua vez, tanto aproveitou de *Menosprecio y alabanza de aldea*<sup>34</sup>... Poderíamos ainda apontar alguns trechos da obra de Cristóbal Acosta que são largas citações do *Soliloquio* e da *Carta [desde Trento]* (Alcalá, Juan de Brocar, 1553) de Juan Bernal Díaz de Luco<sup>35</sup> e do *Speculum morale* de Vincentius Bellocensis, mas, como acabamos de sugerir, estas obras, precisamente citadas, não são propriamente fontes estruturantes, mas interessantes e bem precisas citações que têm o interesse de nos assinalar um seu aproveitado e insuspeitado leitor. Quase outro tanto poderia dizer-se de algumas outras, como, por exemplo, das célebres epístolas de S. Jerónimo *Ad Heliodorum* – que Acosta refere como *de laude vitae solitariae*<sup>36</sup> –, *Ad Eustochium*<sup>37</sup> e *Ad rusticum*<sup>38</sup>.

IV – Por meio de alguns exemplos, tentemos, então, mostrar alguns dos modos do trabalho de aproveitamento e, muitas vezes, de autêntica cerzidura de extratos de diferentes obras numa mesma página, dos livros de Fr. António de Guevara e de Fr. Heitor Pinto a que procedeu o médico e botânico português, prevenindo que, quase como um símbolo desse trabalho, se a primeira linha do seu *Tratado* remete para *Menosprecio de corte y alabanza de aldea* Fr. António de Guevara, a última referência e, curiosamente nas últimas linhas da obra, é uma recomendação do *Diálogo da vida solitaria* do jerónimo português.

Chamaremos em primeiro lugar a atenção para algumas páginas em que a intertextualidade representa um trabalho de cerzidura sequencial de duas obras – *Menosprecio de corte y alabanza*

32. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 141v; Ben REKERS, *Arias Montano*, Madrid, Taurus, 1973, 17-18 confirma estas indicações do médico português.

33. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 24v, 94r, por exemplo, também se aproveitou, mas muito mais discretamente, do *Diálogo da Religião* de primeira parte da obra de Fr. Heitor Pinto.

34. Edward GLASER na «Introducción» à sua edição da tradução castelhana da obra de Fr. Heitor Pinto (*Imagen de la vida cristiana*, Barcelona, Juan Flors, 1967, 32, 68, 137 *et passim*) assinalou alguns desses mais evidentes débitos.

35. Juan Bernal DIAZ DE LUCO, *Soliloquio y Carta desde Trento* (Introducción y notas de Tomás Marín Martínez, Barcelona, Juan Flors, 1962), edição em que nas respectivas introduções e notas se abordam, pertinentemente, muitas das questões postas por estes textos.

36. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 92v.

37. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 110r.

38. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 98r.

de *aldea*<sup>39</sup> de Fr. Antonio de Guevara e *Diálogo da Vida solitaria* de Fr. Heitor Pinto<sup>40</sup> ou de *Menosprecio de corte* e de *Aviso de privados*<sup>41</sup> e de *Oratorio de religiosos y exercicio de virtuosos*<sup>42</sup> do bispo de Mondoñedo –, para, depois de focar o aproveitamento de apenas uma dessas obras, apresentar uma breve amostragem dos inúmeros lugares em que Cristóbal Acosta ensarta os exemplos de reis, filósofos, profetas e santos que fugiram do mundo para a solidão e que dela teceram os seus louvores, exemplos esses que, muitas vezes, por tão comuns, quase necessariamente vêm propostos em fórmulas aproximadas.

1

*Deus in adiutorium meum intende*

*Deliberandum est diu quod faciendum est semel*

En esta sentència nos quizo mostrar aquel gran Philosopho Publio Mimio, que avemos de considerar mucho tiempo en aquello que avemos de dezir, o hazer en poco [...]

Como nos mostrò el sabio Agesilao, gran Capitan que fue de los Licaonios, el qual como se diessen priessa los Embaxadores de los Thebanos que les respondiesse à una embaxada que le avian traydo, respondioles, an nescitis quod ad utilia deliberandum, mora est tutissima? que es lo mismo que dezir agora teneis por saber que para determinarse uno en lo que va la vida no ay cosa mas segura, que la tardança. Exemplar dicho fue este y de grande consideraçion, porque nunca otra cosa vemos que caer en faltas, los que emprehenden negocios maduros con consejos verdes, porque las cosas que tocan al punto de la honrra, y al reposo de la vida mucho antes se ande tantear primero que, se vengan à determinar, que de prudente y cuerdo es, si piensa una hora en lo que ade dezir, pensar çiento en lo que ade hazer porque si las palabras erradas se pueden emendar las obras inconsideradas y borradas no se pueden sempre remediar [...],

1

Publio Mino el filósofo en sus anotaciones decia: «Deliberandum est diu quod faciendum est semel». Grave para leer y digna de saber y aun necesaria de aprender es esta sentència, por la cual somos avisados que nos conviene pensar primero en muchos días lo que después hemos de hacer en uno. [...] Agesilao, muy ilustre capitán, que fue de los licaonios, como le diessen priesa los embajadores de los tebanos que les respondiese a una emabjada que le habían traído, respondió: «An nescitis quid ad utilia deliberandum mora est tutissima?» Como si dijera: «Agora tenéis por saber, oh tebanos, que para determinarse uno en lo que le va la vida, no hay cosa más segura que la tardanza?» [...]

Destos notables ejemplos se puede coligir en cuánto yerro caen los hombres que son en sus hechos acelerados y en sus consejos voluntarios [...] No queremos gustar la fruta sin que esté madura [...] por qué queremos emprender negocios con consejos verdes [...] Las cosas que tocan al punto de la honra y al reposo de la vida mucho antes se han de tantear que no que se vengan a determinar. El hombre prudente y cuerdo, si piensa una hora en lo que ha de decir ha de pensar diez en lo que ha de hacer. Las palabras al fin son palabras, y puédese uno que erró retractarse luego dellas, mas de las obras inconsideradas y borradas ni las pueden enmendar ni aun a las veces remendar.

Guevara, *Menosprecio...*, III, 141-143.

39. Antonio de GUEVARA, *Menosprecio de corte y alabanza de aldea. Arte de Marear* (ed. de Asunción Rallo), Madrid, Cátedra, 1984.

40. Porque a crítica que fizemos nos convenceu que Cristóbal Acosta se serviu da anónima tradução castelhana da obra de Fr. Heitor Pinto – *Imagem de la vida christiana, ordenada por Dialogos, como miembros de su composicion*, Çaragoça, en la casa de la viuda de Bartolome de Nagera, Año, MDLXXI –, para as propostas de comparação pareceu-nos mais correcto utilizá-la, seguindo o texto que dela ofereceu, com introdução e notas, Edward Glaser (Barcelona, Juan Flors, 1967). Os dados pioneiros que apontou Edward Glaser sobre a fortuna editorial da *Imagem da vida cristã* no século XVI em Espanha devem ser completados com os que coligiu, para os séculos XVI e XVII europeus, Francisco Leite de FARIA, «O maior êxito editorial no século XVI em Portugal: a *Imagem da Vida Cristã* por Frei Heitor Pinto» in *Revista da Biblioteca Nacional*, Série 2, 2 (1987), 83-110.

41. Antonio de GUEVARA, *Aviso de privados y doctrina de cortesanos*, Madrid, Por la Viuda de Melchor Alegre, 1673.

42. Antonio de GUEVARA, *Oratorio de religiosos y exercicio de virtuosos* (ed. de J. Gomis) in *Místicos franciscanos españoles*, II, Madrid, BAC, 1948, 443-760.



por lo que dezía el docto Filosofo, e Illustrissimo Capitan, que fue de los Boecios, Mironides, que no se conosía la prudencia del hombre en saberse apartar de lo malo, sino en saber elegir lo bueno, porque debaxo del mal ningun bien se puede esconder, mas debaxo del bien pudiesse mucho mal dissimular, porque los muy grandes males suelen tener principio de algunos fingidos bienes. Y muchas vezes viene enmascarados, cevados, y dorados por ençima, y debaxo tienen el amargo azivar, o el mortal veneno [...]

Y pues sin os despedir de nos, aveis escogido tal muerte en vida, sufrireis como amigo, nuestras reprehensiones, que de creer es que si primero que os retirarades, considerades la obligacion para que Dios os crío y que nascistes para el bien publico y que para le aprovechardes mejor y para con mas descanso pasaredes vuestra vida os dio el Sennor tantas partes: acordarseos de lo que dize Platon pues no nascistes solamente para vos mas tambien para los otros. Y de Aristoteles, quando dixo, que aquel se puede llamar bueno que usa de la bondad no solamente para si, mas para los proximos.

Que os costara cumunicar con nosotros pues sabeis que somos vuestros verdaderos amigos, negocio de tanto peso? Pues no ay para el hombre outro tan sano consejo como es pedir a otro consejo y no fiarse de su parescer proprio. Como dixo el Philosopho Neotido, quando fue preguntado qual era el mas sano consejo que entre todos los consejos el hombre para si podia tomar. Y tuvo este sabio mucha razon, en encargar a los hombres que no se fien de sus paresceres, y que se aconsejen con sus amigos [...]

Acuerdesos que dize Dionysio, que el bien es comunicativo de sí mismo [...] Y Aristoteles afirma que tanto es mejor el bien quanto es mas universal, pues si esto es assi, y no ay sabio (que se me acuerde) que aprueve la total privacion de la compania [...] Concluyendo todos que el hombre de suyo es comunicable, y desseoso de compania, y que uno de los mayores gustos que puede aver en la vida humana para los sabios, es la conversacion y platica con hombres discretos y leydos,

y esta es, tan dulce pasto para el Alma que dexarla por la Vida solitaria, esta claro que es tormento incomparable, pues es, quitar al coraçon aquella familiaridad y dulce pasto com que longo tiempo se mantuvo y sustento.

Myrónides, docto filósofo e ilustre capitán que fue de los beocios, solía muchas veces decir que no se conocía la prudencia del hombre en saberse apartar de lo malo, sino en saber elegir lo bueno, porque debajo del mal ningún bien se puede asconder, mas debajo del bien puédese mucho mal disimular [...] los muy grandes males siempre tienen principio en algunos fingidos bienes, de manera que vienen enmascarados como el momo, cevados como anzuelo, azucarados como ruibarbo y dorados como píldoras.

Guevara, *Menosprecio...*, IV, 149-150

...una sentencia de Platón que dice escribiendo a Architas Tarentino, que no necemos solamente para nosotros mas también para los otros, lo cual siguió Aristóteles en el quinto de las *Éticas*, diciendo que aquel se puede llamar bueno que usa de la bondad no solamente para sí, mas para los prójimos.

Pinto, *Vida solitaria*, 394.

Preguntado el filósofo Neótido que cuál era el más sano consejo que entre todos los consejos un hombre para sí podía tomar y respondió: “No hay para un hombre otro tan sano consejo como es pedir a outro consejo y no fiarse de su parescer proprio.

Guevara, *Menosprecio...*, I, 129.

Pues como dice Dionisio: el bien es comunicativo de sí mesmo y Aristóteles afirma que tanto es mejor cuanto es más universal....

Pinto, *Vida solitaria*, 394.

Mas un defecto hallo yo en ella [vida solitaria] que es la falta de plática y conversación y parece que un solitario no tendrá contentamiento por no haber com quien tenerlo, porque sin duda no hay para mí cosa más gustosa que platicar y conversar com hombres discretos, en especial si son léidos y de rara erudición [...] yo digo que la conversación y buena plática es un dulce pasto para el alma y que dejarla es gran tormento, pues es quitar al corazón aquella familiaridad y dulce pasto, que fue largo tiempo el mantenimiento con que ella se sustentaba....

Pinto, *Vida solitaria*, VIII, 427.

Dezia Crisippo que una de las causas por que nascian los hombres, era para ayudar à los hombres, por lo qual no, os podeis eximir de la culpa y inhumanidad que con vuestros proximos usastes, pues pudiendo aprovechar à muchos en la republica no la avieis de dexar y trocar por la Vida solitaria, en la qual podreis aprovechar solamente à vos, y esto quando todo bien os suscediere, y de todo estuviesséis libre de, indisposiciones, y muy cierto de salud, quanto mas aquel gran Filósofo Marco Tulio, cumbre de la Latina eloquencia, afirma que aunque la vida solitaria es mas segura y menos pesada, que todavia la publica es mas excelente y fructifera, y de mas alta empresa» Acosta, *Tratado...*, 6r-8r

2

Dessea [o que vive na cidade] emendarse y nunca acaba de mejorar en la vida, y assi se le acaba embuelta en pesares, y quando Job dezia, taedet animam meam vitae meae, no le pesava porque vivia sino porque no se emendava. Que tenemos alla en essa vida desordenada? Sino un prizon mas apretada que à otros, y todos al fin andamos prezos en este mundo el qual es una enfermedad peligrosa, un trato sospechoso, una muerte prolixa, una sepultura labrada, y todo una confusion. Y assi el hombre que esta en el mundo no puede dezir que vive, sino que muere, y el que esta en la soledad dira con verdad que vive, pues no hay en el mundo otra yqual vida, como levantarse el hombre con libertad, y irse do quiere, y hazer lo que deve.

Y creamme que si para dexar el mundo es menester buen animo, que para saber gozar del reposo es menester buen seso, porque los que fingidamente dexan el mundo, mas pena les darà verse del ausentes, que tenían plazer estando en el presentes, y assi avizo por la experiencia que de las dos vidas tengo, que el que quiziere salir del mundo, de tal manera salga del que no dexa pasto para tornarse à el, porque de otra manera la soledad, le hara tornar à buscar la libertad.

Acosta, *Tratado...*, 31r

Dize el sabio, que natural cosa es, al que esta cansado desear con quien descanse [...] y siendo este lugar el mas aparejado para semejantes materias como dize S. Juan Chrisostomo, que el mas ydoneo y acomodado, para se tratar de la Filosofia Christiana, es la soledad, por estar alli mas libre de cuydados, y la contemplacion de las cossas altas mas levantada. Por lo que dize S. Gregorio, que el Alma cargada de cuydados baxa y no se levanta, à las cossas de arriba. Y assi dezia S. Agustin, que la soledad era necessaria à nuestra mente, porque alli, ay mas aparejo para la virtud, y

«Que es lo que decía Crisipo, que una de las causas porque nacían los hombres era para ayudar a los hombres [...] Ahora, pues que esse Similio pudiera aprovechar a muchos en la república, parece que no debía dejarla ni trocar la vida pública por la solitaria, pues en la pública aprovechaba a muchos y en la solitaria solamente a sí.

Quanto más que Marco Tulio, cumbre de la latina eloquencia [...] resolvióse en afirmar que dado que la vida solitaria fuese más segura y menos pesada, todavía la pública era más excelente y fructifera y de más alta empresa».

Pinto, *Vida solitaria*, I, 394.

2

Esta nuestra vida mortal ninguno tiene licencia de aborrescerla, mas tiene obligación de enmendarla. Quando el santo Job decía: “Taedet animam meam vite mee”, no le pesaba porque vivía, sino porque no se emendaba. [...] porque en escapar de la corte ha de pensar que que escapa de una prisión generosa, de una vida desordenada, de una enfermedad peligrosa, de una conversación sospechosa, de una muerte prolija, de una sepultura labrada y de una república confusa. El hombre cuerdo y que sabe el reposo, lo que está en la corte dirá que muere y lo que reposa en su casa dirá que vive; porque no hay en el mundo otra igual vida sino levantarse hombre con libertad, e ir do quiere y hacer lo que debe. [...]

... y por eso decimos y afirmamos que si para dejar la corte es menester buen ánimo, para saber gozar del reposo es menester buen seso. A los que figidamente dejan la corte, más pena les dará el verse della ausentes, que tenían plazer estando en ella presentes, los cuales, si mi consejo quisiesen tomar [...] que de tal manera conviene al cortesano salirse de la corte, que no deje pasto para tornarse a ella, porque de otra manera la soledad de su casa le hará tornar a buscar la libertad de la corte.

Guevara, *Menosprecio...*, IV, 152, 153.

Y como estos santos no querían nada de él, andaban consolados en los yermos [...] porque, como dice San Crisostomo, el lugar más idóneo y acomodado a la filosofía cristiana es la soledad y, por el contrario, los dados a negocios terrenales traen abatidos y trastornados los espíritus y cuanto más ocupan los sentidos en las cosas de la tierra e inclinan los pensamientos a cosas bajas, tanto menos levantan el pensamiento al cielo y penetran cosas altas, porque como dice San Gregorio, el alma cargada de cuidados baja y no se levanta a las cosas de arriba.



menos occasion para el vicio. Y S. Joan Chrysostomo, declarando, aquellas palabras, Spiritus expulit eum in desertum, dize que el espíritu Sancto, no mora de buena voluntad, donde ay turbas, ayuntamientos, disensiones, y contiendas. Porque el proprio y natural assiento del espíritu sancto es la soledad, porque en ella se evitan muchos peccados, como dize S. Hieronymo, por lo qual llama Petrarcha, a la Vida Solitaria castillo guarnesçido de municiones sanctas, y puerto para todas las tempestades.

Divina es, à este proposito la comparación del bienaventurado S. Juan Chrisostomo, que haze del Rey con el Solitario, diziendo, que mas bienaventurado es, un Solitario sin compañía, que un Rey acompañado, porque un Rey, tiene dominio sobre las Ciudades, y el solitario sobre los vicios, el Rey tiene corona de oro, y el Solitario, de virtudes, el uno trabaja por no ser señoreado de los hombres, y el otro por no lo ser de los peccados, està con el oydo atento, perçibiendo lo que dizen los buenos y sanctos, y leyendo, y collijiendo la doctrina, que le enseñan, en donde oye, y atentamente escucha, los que libremente le estan diziendo, doctrinando, y desengañando la verdad. Acosta, *Tratado...*, 31v-32r.

3

Vivimos los solitarios, repartiendo el tiempo y aprovechandonos del para todo lo que nos cumple a lo spiritual, y temporal,

andando como queremos, sin que por ello perdamos ninguna cosa de nuestra gravedad, ni nos desvelando por nuevas invenciones de trajes, ni procurando à forros de martas para el invierno, ni tafetanes, guorgueranes, razos, y finas raxas, para el verano.

No tenemos aqui señores que nos precedan, ni justicias de que nos temamos, mugeres, ni hijas, que çelemos, alcahuetas de que nos guardemos, ventanas, de que nos miren, gentes que nos mofen y de nos se rian, pajes que nos griten, y a quien sufframos, officiales que nos mientan, y que nos den baya, ny aun bestias por las calles nos atropellen y de lodo nos salpiquen. [...]

Acosta, *Tratado*, 68v.

Aqui no tenemos cuentas con tramposos, mentirosos, rebolotosos, chucareros, truanes, doblados, ni con femenidos, desonestos, y periuros, con hombres varios, per-

Esto entendia bien San Agustín cuando decía que la soledad era necesaria a nuestra mente, y con razón, porque allí hay más aparejo para la virtud y menos ocasión para el vicio. Donde dice San Crisostomo en la tercera homilia sobre San Marcos, declarando aquellas palabras: *spiritus expulit eum in desertum*. El Espíritu Santo no mora de buena voluntad donde hay turbas y ayuntamientos y disensiones y contiendas, mas tiene el Espíritu santo propriamente por asiento la soledad. Y San Jerónimo dice que en la soledad se evitan muchos pecados. Y Petrarca llama a la vida solitaria castillo guarnecido de municiones y puerto para todas las tempestades.

San Juan Crisóstomo, aquella boca de oro, aquella fuente de la eloquencia, aquella cumbre de virtud, en aquel breve tratado que hace de la comparación del rey con el solitario, dice que más bienaventurado es un solitario sin compañía que un rey acompañado, porque el rey tien dominio sobre las ciudades y el solitario sobre los vicios. El rey tiene corona de oro y el solitario de virtudes. El uno trabaja por no ser señoreado de hombres y el otro por no ser señoreado de los pecados. El solitario lee en los libros de los santos que le enseñan y desengañan, diciéndole libremente la verdad...

Pinto, *Vida solitaria*, VII, 425-426.

3

Es privilegio de aldea que para todas estas cosas haya tiempo cuando el tiempo está bien repartido...

Guevara, *Menosprecio*, V, 164.

Es privilegio de aldea que todos los aldeanos se puedan andar por toda el aldea solos sin que caigan en caso de hermandad, ni pierdan cosa de su gravedad. [...] ropas de martas que traiga el invierno, rasos de Florencia para traer el verano ...

Guevara, *Menosprecio*, V, 166.

En el aldea no hay ventanas que sojuzguen tu casa, no hay gente que te dé codazos, no hay caballos que te atropellen, no hay pajes que te griten, no hay hachas que te enceren, no hay justicias que te atemorizen, no hay señores que te precedan, no hay ruidos que te espanten, no hay alguaciles que te desarmen, y lo que es mejor de todo no hay truhanes que te cohechen ni aun damas que te pelen...

Guevara, *Menosprecio*, V, 164.

Debe tambien el buen Cortesano guardarse de ser tramposo, mentiroso, doblado, y fementido [...]

dularios, con agudos en hablar, entremetidos en negociar, sueltos en murmurar, desalmados en jurar, y renegados en blasfemar, no con mannosos, y marannosos, y procuradores de su bien con mal ageno, no con traydores, que murmuran de los amigos que tienen, y de los principes a quien sirven.

Aqui no tenemos el trabajo que tienen los que sirven à los principes que es andar pretendiendo à que los conozcan por la fama, y se sirvan de sus personas, asechando las inclinaciones que tiene el Principe à quien sirven, o, servir desseam para amar lo que el ama y àun que sean cosas ajenas del proprio gusto, gustar de las que el gustare, querer lo que el quiziere, seguir lo que el siguiere. Si ama la caça, la montería, o la pescaria, los que sirven à los principes se han de hazer casadores, monteros, y pescadores, àunque nunca lo ayan exercitado, si ellos son inclinados al exercicio de la cavalleria, à las justas, à los torneos, à los Toros, o à las cannas, a la sortija, o a la carrera, à la brida, o à la gineta, aquello mesmo, los que con ellos queremos medrar avemos de amar [...].

Desta prudencia se aprovecho el Romano Torca, con el Emperador Aureliano, el qual Emperador bebia vino tinto, y como el Romano Torca (hombre comum) supiesse esto por mostrar que amava las cosas que à su Sennor davan gusto, no solo no quiso mas beber otro vino que solo tinto, mas planto una vinna toda de vino tinto, y como Aureliano supiesse esto que Torca avia hecho por Amor del hizolo Censor de Roma, y guarda de la puerta Salaria, diziendo que aquel era buen servidor del Principe, que no solo obedecía a lo que su sennor le mandava, mas que procurava seguirlo en burlas, y en veras, y en pas, y en la guerra. Guerra, harta, tiene consigo, el que tiene su honrra, y su vida puesta en la voluntad ajena, porque el que hade à los Principes a los de servir mucho, y importunarlos poco, como dezia Seneca à su amigo Lucillo governador de Siçilia, si quieres cobrar reputaçion con el Emperador Nero tu sennor, no le seas importuno, no con el atrevido, no le vayas con menudencias, y poquedades, no le lisongees ni le mientas en burlas, ni en veras, ni delante del murmures de otros, hazele muchos servicios, y usa com el de pocas palabras, y estas palabras como dize el divino Platon, an de ser pocas, verdaderas, sustançiosas, y provechosas à su Principe, à su Republica, o, assi mismo si de si habla, porque los Principes quierense mucho servidos, y poco importunados.

Finalmente los que amamos la vida solitaria, y damos de mano à la popular, à las cortes, à los Palaçios, à los negocios, y a las privanças no nos desvelamos en como hablar al Rey con erudiçion, persuaçion, y brevedad de palabras, con que cortesania, y acatamiento

Muchos ya que no conocen mal las Cortes de los Principes, pensando, que por ser muy agudos en el hablar, y muy entremetidos en el negociar [...]

... en las Cortes de los Principes, ay muchos hombres descontentos, apassionados, con los quales el Cortesano que quiere privar no debe conversar, ni menos murmurar, porque especie es de traicion, murmurar del amigo que tenemos, y del Principe que servimos [...] A mi parecer no ay en la Corte tal alquimia, para subir a la cumbre de la privança, como es que el Rey nos conzoca mas por la fama, que no por la persona [...] Assi mesmo aprovecha mucho para ganar la voluntad del Principe, mirar à que es el Principe inclinado, es à saber, à musica, o à caza, o à pesca, o à montería, o à la gineta, o à la brida, y vista su inclinacion amar lo que lo que el ama, y seguir lo que el sigue [...]

El Emperador Aureliano no bevia sino vino tinto, y como le dixessen que un Romano llamado Torca, por amor del no solamente no bevia vino lanco, mas aunque avia puesto una viña de vino tinto, hizole Censor de Roma, y guarda de la puerta Salaria. En comer, y beber, en cazas, y en justas, en paz, y en guerra, en burlas, y en veras, debe el buen Cortesano à su Principe seguir [...]

Era Lucillo muy gran amigo de Seneca, y era tambien Gobernador de Sicilia, y como le preguntasse que haria para el Emperador Nero su señor agradar, respondiolo Seneca: Si Quieres agradar à los Principes, hazeles muchos servicios, y diles pocas palabras. Dezia el divino Platon en los libros de su Republica que a los Principes deben los que les hablan dezir pocas palabras, por que si se derraman à dezir muchas, no tien tiempo para oirlas, ni estan atentos à ellas, y dezia mas Platon: deven assi mismo ser muy sustanciosas las palabras que à los Principes se dizen, es à saber, en utilidad de la Republica de quien hablan, o en provecho del mismo que habla [...] que ninguna cosa persuade al Principe tanto à que ame à sus criados, como es ver que le sirven mucho, y que le importunan poco.

Guevara, *Aviso de Privados*, IV, 126-128

Ya que el cortès Cortesano se determinare de al Principe hablar, haga primero una muy profunda mesura y si el Rey estuviere assentado, hincue una rodilla, y tome con la mano izquierda la gorra, la qual ha de tener, ni arrujada en las manos, ni apretada en los

le avemos de hazer aquellas medidas, como si el rey esta assentado avemos de hincar la rodilla en tierra, el arte como avemos de tener el sombrero en la mano, como, ora este el Rey em pie ora assentado nos avemos de poner a su lado izquierdo, la discrecion, el assiento, y reposo de la habla, la cordura, y la medida de los ojos, el recato en no tussir, bocezar, regoldar, estormudar, o, escupir, no oler à cebollas, ajos, puerros, o vino, el no menear las manos, la cabeça, ni aun los ojos, el estudio en no hazer ningun meneo feo, ni mostrar ningun acto de liviandad, ingratitud, ni dessabrimiento...

Acosta, *Tratado*, 68v-70r

4

Y sabed que el hombre que va a buscar reposo en la soledad convienele estar contino en buenos exerçios ocupado, porque si dexa al cuerpo holgar, y al coraçon pensar en lo pasado, ellos le bolveran à derribar, y acabar, porque no ay cosa en esta vida, que sea tan enemiga, de la Virtud como es la ociosidad, y mas en la soledad, porque de los ociosos momentos, y superfluos pensamientos naçe la perdiçion al hombre porque el ocioso en la soledad siempre anda malo, flaco, tibio, triste, enfermo, pensativo, sospechoso, desganado, y de si aborrescido, y de aqui viene que de darse el coraçon mucho a pensar, viene despues a desesperar... Acosta, *Tratado*, 8v.

5

Dize S. Anselmo, que no ay mayor trabajo que mal vivir, y es assi, que no ay peor vida que ser perseguido, de embidia, de soberbia, y de vanidad, mayores cierto son los peligros, que el hombre tiene y passa entre los viçios deste falço mundo, que entre los serpientes, y feroçes animales en los desiertos. Que fuego ay, que mas abraze las entrañas ? que la ambicion, los celos, la avaricia, y codicia [...]

Dize San Agustin que tan presto como el mundo nos reçibe, nos despide, y como nos alegra, nos entristece, como nos levanta, nos abate y humilla [...]

Dezia San Hieronymo, que de la poca resistencia que hazemos al mundo, le naçe tanto atrevimiento para nos combatir, tentar y seguir, que si a las primera tentaciones que nos representa le resistiessemos, no osa-

pechos. Ora este el Rey en pie, ora assentado, ponganse para hablarle al lado izquierdo [...] El que habla al Rey debele hablar baxo, y no muy apressurado [...] Es tambien de advertir, que las palabras que se le dixeren, sean primero muy examinadas, y de muchos dias pensadas [...] Al tiempo de la platica mire bien y no ande jugando de mano en mano con la gorra, ni este mirando al Rey a la cara [...] Trabaje tambien por no escupir, y mucho mas por no tosser [...] Si huviere de ir à negociar despues de comer, guardese de no comer ajos, ò beber vino puro [...] Guardese tambien de hablar con la cabeça, como con la lengua, ni tampoco debe jugar de dedo, ni dar de barba, ni guiñar de ojo, porque hablar con tan feos meneos... [...] Guardense tambien de mostrar al Rey dessabrimiento [...] al Cortesano esle dañoso mostrarse liviano...

Guevara, *Aviso de privados*, V, 129-132

4

Al que va a buscar reposo, conviènele estar en buenos ejercicios ocupado: porque si deja el cuerpo holgar y al corazón en lo que quiere pensar, ellos dos le cansarán y aun le acabarán. No hay en esta vida cosa que sea tan enemiga de la virtud, como es la ociosidad, porque de los ociosos momentos y superfluos pensamientos tienen principio los hombres perdidos. [...] El hombre ocioso siempre anda malo, flojo, tibio, triste, enfermo, pensativo, sospechoso, y desganado; y de aquí viene que de darse el corazón mucho a pensar; viene después a desesperar...

Guevara, *Menosprecio*, IV, 155.

5

San Anselmo dice: Si cotejamos los trabajos que pasamos con los elementos y los que padecemos con los vicios, hallaremos por verdad que no hay igual trabajo en la tierra como el que se pasa en la mala vida. Por ventura no es peor caída caer de un cobdo de soberbia, que de una torre altísima? [...] Por ventura no tienen más peligros los hombre entre los vicios y regalos que no entre los animales brutos? Por ventura no tienen más peligro los que arden en el fuego de la avaricia que no los que moran cabe el monte Etna? [...] San Agustín, en sus *Meditaciones*, dice: Oh mundo, mundo! Como en breve espacio nos rescibes y nos despides, como nos allegas y nos diechas, nos alegras y nos entristeces, como nos ensalzas y nos humillas... Guevara, *Oratorio*, IV, 478.

San Jerónimo, en una epístola, dice: Si a las primeras tentaciones que el mundo nos representa le quisiésemos resistir, no osaría él tantas veces nos acometer, porque de nuestra poca resistencia le nasce a él tanta

ria de nos acometer, y San Chrysostomo, dezia, Que esperas mundano del mundo, que es traydor, y burlador? Y al tiempo que te combida con mayores regalos, y dulçura de vida, te mete la muerte dentro de casa. [...]

...mas digo que es diffiçilissima cosa poder alguno vivir en los grandes poblados y tumultos populares, sin aborçer, o, ser aborçido, perseguir, o, ser perseguido, tener embidia, o, ser embidiado, murmurar, o, ser murmurado, porque alli a muchos quitan la gorra, que les querian mas quitar la cabeça, alla se conversan y se carician y se rien unos delante de los otros de los quales partados se muerden, alla se hablan muchos bien, y se quieren mucho mal, hazen reverencias, y se jarretan las famas. Comen juntos à una mesa, y tienense mortal inimidad. Pasean juntos, y tienen sus coraçones muy divisos, y muchos se hazen offreçimientos, que se querian comer a bocados. Vesitanse por las casas, los que se querian mas honrrar en las obsequias, y danse el parabien de alguna buena fortuna, los que querian darse el pezame de alguna desgracia, porque son poquissimos, y aun por lo que tengo alcanzado del mundo estoy por dezir que no ay ningunos hombres oy dia que se tengan amistad, y se guarden verdadera fidelidad, porque cada uno pretende su interez, y a trueque de hazer su gusto, o, de acrescentar su hazienda se le da muy poco gañar, ni perder un amigo. [...]

Mas si alla cotejasse cada uno sus demeritos con sus meritos, desengañarseya, y hallaria por verdad que todo quanto del mundo dessea es vanida, y todo lo que de si piensa es liviandad. [...]

Mas al fin, este es nuestro ingaño, y esta la miseria de nuestra flaqueza, que todos deseamos que nos tengan por hidalgos, por nobles, por virtuosos, por doctos, por sanctos, por recogidos, por zelosos, por contentos, por assossegados, y por desapassionados, y por outra parte esta nuestra Alma hecha un pelago de deseos, y nuestro coraçon un mar de pensamientos, y assi ay mucha diferencia de lo que somos, à lo que estamos obligados a ser. [...]

Si desseamos conversaçones, comunicar con las gentes, ver fiestas y regoçijos, oyr truanes y chocarreros, ver novedades, oyr nuevas, gozar deleytes,

osadia. San Crisóstomo, en una homilia, dice: Dime, yo te ruego, oh mundano!, que premio esperas del mundo, para que por servirle esperes tanto trabajo? Pensar que te puede dar vida perpetua, es burla pensarlo y locura esperararlo, porque al tiempo que nos es más dulce la vida se nos entra por nuestras puertas la muerte. Guevara, *Oratorio*, IV, 479

Entre los famosos trabajos que en las cortes de los príncipes se pasan, es que ninguno que allí reside puede vivir sin aborrescer o ser aborrescido, perseguir o ser perseguido, tener envidia o ser envidiado, murmurar o ser murmurado; por allí a muchos quitan la gorra que les querían más quitar la cabeza. Oh cuántos hay en la corte que delante otros se ríen y apartados se muerden! Oh cuántos se hablan bien y se quieren mal! Oh cuántos se hacen reverencias y se dejarretan las famas! Oh cuántos comen a una mesa que se tiene mortal inimicia! Oh cuántos se pasean juntos, cuyos corazones están muy divisos! Oh cuántos se hacen ofrescimientos que se querían comer a bocados! Oh cuántos se visitan por las casas que querían más honrarse en las obsequias! Finalmente digo que muchos se dan el parabién de alguna buena fortuna que querían más darse el pésame de alguna gran desgracia. No lo afirmo, mas sospéçolo, que en las cortes de los príncipes son pocos y muy pocos, y aun muy poquitos, y muy repoquitos los que se tiene entera amistad y se guardan fidelidad; porque allí, con tal que el cortesano haga su facto, poco se le da perder o ganar al amigo. Guevara, *Menosprecio*, XV, 236-237.

Después de cotejados mis deméritos con mis méritos, hallé por cierto y por verdad que era vanida todo lo que deseaba y muy gran liviandad todo lo que pensaba. Guevara, *Menosprecio*, XIX, 270.

Holgaba que todos me tuviesen por santo, todos por docto, todos por recogido, todos por desapasionado, todos por contento, todos por celoso, y todos por aosegado; y por otra parte, estaba mi voluntad hecha un piélago de deseos y mi corazón un mar de pensamientos. Guevara, *Menosprecio*, XIX, 271.

Oh! cuánta diferencia va de lo que los cortesanos somos, a lo que éramos obligados a ser. Guevara, *Menosprecio*, IXI, 270.

Yo mismo de mí mismo estoy espantado de verme que no era el que soy ni soy el que era, porque solía desear que la corte se mudase cada día, y agora no he gana de salir de casa. Solía holgar de ver novedades y agora no quería oír nuevas. Solía que no me hallaba sin conversaçión y agora no amo sino soledad. Solíame placer ver a mis amigos y agora los tengo ya por pesa-

ser muy libertados en el vivir, y juntamente con esta en hazer los engaños, y amar la soledad, no puede ser, ni se compadeçen, porque la desordenada libertad siempre fue enemiga de la virtud. [...]

Esta es la constancia del mundo, el qual es muy sutil en hazer los engaños, y muy lerdo en dar los remedios, y esto parece muy claro, en que si nos persuade à vengar una affrenta, es para que en vengarla reçibamos otras mil affrentas, y si algunas vezes alivian nuestros cuerpos de trabajos, es para por otra parte cargar sobre nuestros coraçones, una mar de pensamientos, por manera que este Adalid nos persuade a que nos lleva por tierra segura, y como traydor, da con nosotros en la çelada. [...]

O, traydor mundo, y quan de espaçio nos reçibes, y nos despides, nos llegas, y nos desechas, nos alegras, y nos entristeçes, nos ensalças, y nos abates, nos castigas, y nos alagas, y Quan pocos son los que llevan de ti soldada. [...]

La condiçion del mundo, es, que al que vees presuntuoso, procurale honrras, al que vè que es, avaro, procurale riquezas, al goloso, presentale manjares, al prezoso, dexale holgar, al que sabe que es carnal, cevale con mugeres, y todo esto haze el traydor del mundo, para que despues que como a peçes nos tuviere çevados, heche sobre nosotros, la red de los viçios.

Mas si a las primeras tentaçiones, que el traydor del mundo, nos representa quisiessemos resistir nosotros, disponernos a resistir, no le seria possible, que muchas vezes nos osasse àcometer, porque naturalmente hablando, su mucha osadia le nace de nuestra poca resistencia. [...]

Si piensan que el mundo les puede dar vida perpetua, es burla pensarlo y aun gran locura esperararlo: porque el tiempo que nos es mas dulce la vida, entonces nos saltea de subito la muerte. [...]

Por tanto cada uno mire lo que haze y ande muy sobreaviso en lo que piensa: porque al tiempo que pensamos tener ya hechas pazes con la fortuna, entonces nos pone nueva demanda. [...]

El mundo, es, un embayador de males, un verdugo de buenos, una sima de guerra, un emulo de la paz, un

dos. Solía holgarme de ver los bobos, oír los chocareros y hablar con locos...

Guevara, *Menosprecio*, XIX, 272.

A causa que en la honra queremos ser muy estimados y en vivir muy libertados, lo cual no se puede compadescer, porque la desordenada libertad siempre fue enemiga de la virtud.

Guevara, *Menosprecio*, XIX, 270.

Es el mundo muy ligero para nos engañar y muy lerdo para nos remediar, lo cual parece claro en que si nos persuade a vengar una afrenta, es porque en vengarla recibamos otra nueva injuria; de manera que este maldito adalid, imaginando que nos lleva por tierra segura, da con nosotros en la celada.

Guevara, *Oratorio*, IV, 479.

San Agustín, en sus *Meditaciones*, dice: Oh mundo, mundo! Como en breve espacio nos rescibes y nos despides, nos allegas y nos diechas, nos alegras y nos entristeces, nos ensalzas y nos humillas, nos halagas y nos castigas!

San Bernardo, en una epístola, dice: Como el mundo tiene experiencia de tantos años, tiene para los hombres sus apetitos aparejados; es a saber, para el que s presuntuoso, honras; para el goloso, manjares; para el avaro, riquezas; para el carnal, carnalidades, y para el bullicioso, negocios; de manera que, después que los tiene a todos cebados, echa sobre ellos la red de los vicios.

Guevara, *Oratorio*, IV, 478.

San Jerónimo, en una epístola, dice: Si a las primeras tentaciones que el mundo nos representa le quisiésemos resistir, no osaría él tantas veces noa acometer, porque de nuestra poca resistencia le nasce a él tanta osadía. San Crisóstomo, en una homilia, dice: Dime, yo te ruego, oh mundano! Qué premio esperas del mundo, para que por servirle esperes tanto trabajo? Pensar que te puede dar vida perpetua, es burla pensarlo y locura esperararlo, porque al tiempo que nos es más dulce la vida se nos entra por nuestras puertas la muerte. Mire, pues, cada uno lo que hace y no menos lo que piensa, porque al tiempo que pensamos tener ya hecha paz con la fortuna, entonces nos pone una nueva demanda.

Guevara, *Oratorio*, IV, 479.

Si quieres, pues, saber quién es el mundo, hágote saber que es un embaidor de malos y un verdugo de

amigo de la guerra, una agua dulce de vicios, una hiel de virtuosos.....

Acosta, *Tratado*, 35r-37v

6

Deste bien gozamos los solitarios que como aqui son los dias mayores, mas claros y mas alegres tenemos tiempo para bien nos ocupar, y para con los sabios conversar, y para nos recrear

Acosta, *Tratado*, 19v.

7

... asientome à una firme mesa de piedra, o, en el lugar, que mas me aplaze, porque la libertad del solitario le concede, que puede comer en donde, como y quando quiziere, con sazon, gana, y sabor, y assi goza el solitario de las tres condiciones que hade tener la buena comida, que son, comer el hombre quando ha gana. Y comer de lo que ha gana, y comer con grata compañía, que la comida en donde alguna destas tres condiciones falta, ni es buena, ni es grata...

Acosta, *Tratado*, 107r.

8

Todas estas cosas, y que a los sabios, no sean agradables los combites mostro aquel Excelente Caton Censorino, del qual cuenta Ciceron, que estando a la hora de su muerte, dixo estas palabras, las cosas que, yo he hecho no como buen Romano, sino como Barbaro atrevido, son estas, la primera que se passo un dia sin servir à los Dioses, ni aprovechar algo en la republica, lo qual yo no diviera hazer, porque tan gran infamia es à un Filosofo llamarle ocioso, como a un cavallero llamarle de covarde.

Lo segundo que pudiendo una vez caminar por tierra camine por mar, en lo que hize mal, porque el varon cuerdo, no se hade poner al peligro sini por servir a los Dioses, o, por aumentar la honra, o por deffender à la republica.

Lo tercero, que en un grave negocio descubri una vez à una muger, un secreto, lo qual no diviera hazer, porque en caso de consejo, ninguna muger es capaz de darle, menos de tomarle, y mucho menos de guardarle. La quarta que dexé una vez vencer de un amigo que me combido, y fuy a comer con el, lo qual no diviera hazer, porque ningun varon heroyco, puede comer à mesa aiena, que no pierda la libertad, y ponga en ventura la gravedad, porque el dia que uno se abate à comer, à mesa de otro aquel dia se obliga, y se le subiecta.

Acosta, *Tratado*, 71v-72r.

buenos, una sima de vicios, un yunque de virtudes, un émulo de la paz, un amigo de la guerra, una agua dulce de vicios y una hiel de virtuosos

Guevara, *Oratorio*, IV, 479.

6

El día de la ciudad siéntese y no se goza y el dia del aldea gózase y no se siente, porque allí el día es más claro, es más desembarazado, es más largo, es más alegre [...] Es privilegio de aldea que todos los que moran en ella tengan qué se ocupar y con quién se recrear...

Guevara, *Menosprecio*, VI, 171, 173.

7

Es privilegio del aldea que todos los que moran en ella coman a do quieren y a la hora que quieren [...]

Tres condiciones ha de tener la buena comida, es a saber: comer quando lo ha gana, comer de lo que ha gana, comer con grata compañía; y al que le faltaren estas condiciones, maldicirá lo que come y aun a sí mesmo que lo come...

Guevara, *Menosprecio*, VI, 172, 173.

8

De Caton Censorino dize Ciceron, que dixo estas palabras a la hora de su muerte: Las cosas que yo he hecho, no como buen Romano, sino como Barbaro atrevido son estas. Lo primero, que se me passo un dia sin servir a los Dioses, ni aprovechar algo en la Republica, lo qual yo no deviera hazer, porque tan gran infamia es a un Filosofo llamarle ociosos, como a un Cavallero llamarle cobarde.

Lo segundo que pudiendo una vez caminar por tierra camine por mar, lo qual no deviera hazer, porque el varon cuerdo, no se hade poner al peligro, sino por servir a los Dioses ò por aumentar la honra, ò por defender la Republica.

Lo tercero, que en un grave negocio descubri una vez a una muger un secreto, lo qual no deviera hazer; porque en caso de consejo, ninguna muger es capaz de darle, menos de tomarle, ni mucho menos de guardarle. Lo quarto, que me dexé una vez vencer de un amigo, y fuy dèl combidado lo qual tampoco deviera hazer, porque ningun varon heroyco puede comer a la mesa aiena que no pierda la libertad, y ponga en aventura la gravedad. [...] El dia que uno se abate a comer a mesa de otro, aquel dia se obliga a ser su siervo...

Guevara, *Aviso de privados*, VII, 138, 139.



10

Que no por estar yo en esta Vida Solitaria quanto al cuerpo separado de algunos de los proximos (que a Dios plugiera lo pudiera estar de todos) lo estoy quanto al Alma, pues en caridad estoy unido con ellos. Acosta, *Tratado*, 16.

11

E pues la inquietud, perturbaçon, y desasossiego naçen de la vida pupular, cercada de publicos negocios. Y el reposo, procede de la quieta solitaria: claro esta que es esta mas excelente, y que huir del mundo para ella, no es cobardía del animo, mas gran esfuerço, pues en esta parte el huir es vençer. Y como huir del mundo, es huir el hombre de si mismo, y vençerse assi (la qual victoria es la mayor, y mas gloriosa de todas las victorias) esta claro que huir del mundo, es, el mas excelente de todos los triunfos, pues vençe el hombre en vençer assi, los mayores, mas poderosos, y crueles enemigos que tener puede, pues vemçe a sus propios desseos. Acosta, *Tratado*, 26r

12

Llama Petrarca, al pueblo fiera indomita, y con razon, pues no menos podra un hombre satisfacer a esta bestia de tantos vientres y pies sin cabeça, que poder con un solo y flaco freno enfrenar muchos cavallos desenfrenados, como dize Horacio, o, solo querer gobernar en la tempestuosa mar una grande nave, de los furiosos vientos sacudida. Bien conosçieron los antigos Filósofos, y otros gravissimos Varones (de que hare memoria en el lugar, que V. Reverencias me piden) los bienes de la vida solitaria, quando por esta trocavan, los magistrados, las governaciones, los Reynos, y Imperios. Acosta, *Tratado*, 27r-27v

13

Pues el hombre, como dize Aristoteles, es un despojo del tiempo, una imagen de la inconstancia, una burla de fortuna, un exemplo de flaqueza, y un terreno de desventuras y miserias,

que esperara del mundo (que a ninguno dexa contento) quel que conosçe, que el el esta todo mal, y que en la huyda del a la vida quieta, y contemplativa todo bien, adonde se sirve a Dios con sossiego, y llorarse pueden con mucha contriçon las culpas passadas, y los años mal gastados, que si las lagrimas son de fina contriçon por segundo Baptismo son aceptas y rescebidas, como dize S. Augustin ...

Acosta, *Tratado*, 42v.

10

No se debe pensar, por estar el solitario, separado de los prójimos quanto al cuerpo, que lo esté también quanto al alma, porque, como dice San Juan Crisóstomo, así como en el material edificio las piedras se pegan unas con otras mediante la cal, así en el edificio espiritual están los hombres unidos unos con otros mediante la caridad.

Pinto, *Vida solitaria*, II, 397

11

... y esta inquietud nace de la vida tumultuosa, cercada de los públicos negocios, y el reposo nace en la vida solitaria, claro está que es la vida solitaria más excelente y que huir del mundo para ella no es cobardía de ánimo, mas grande esfuerço, pues en esta parte la huida es victoria; porque como huir del mundo es huir de sí y huir de sí es vencer a sí y vencer a sí es gloriosísima victoria, está claro que que huir del mundo es el más excelente de todos los triunfos, pues es triunfar de los más fuertes adversarios, ca ninguno tiene tan crueles y poderosos enemigos como sus propios deseos.

Pinto, *Vida solitaria*, III, 405.

12

Petrarca llama al pueblo fiera indómata y Horacio compara al que la quiere gobernar al hombre que con una sola y flaca rienda quisiese enfrenar muchas cabezas y que quiere por sí solo marear y gobernar un grande navío, sacudido de los vientos en las varias y dudosas ondas. [...] Esto sentían bien aquellos antiguos filósofos de que están llenos los libros que depreciaron gobernaciones y públicos magistrados...

Pinto, *Vida solitaria*, IV, 410.

13

Por eso dice Aristóteles (como lo refiere Estobeo) que el hombre es un ejemplo de flaqueza, un despojo del tiempo, una burla de fortuna, una imagen de inconstancia, una balanza fina de envidia y desventura. [...]

Pinto, *Vida solitaria*, VIII, 437.

Para qué es luego confiar en él, para qué es dar crédito a sus engaños? Para qué es su conversación, de qué sirve su platicar? Para qué es sino huir de él y buscar vida quieta y contemplativa y servir a Dios con sosiego y llorar con mucha contriçon las culpas passadas y los años mal gastados? Porque, como dice San Agustín, la fuente de las lágrimas es un segundo bautismo.

Pinto, *Vida solitaria*, VIII, 439.

Dando por descontado que, como põe em evidência a reflexão teórica sobre as questões de intertextualidade, qualquer trabalho sobre um texto dele faz outro texto, as consequências objectivas da pilhagem a que procedeu Cristóbal Acosta traduziram-se em que uma grande parte da sua obra seja um tecido de extractos. Quase estaríamos em dizer que o botânico, aplicando a velha receita literária que, autorizando-o, recomendava fazer uma obra com boninas colhidas em várias obras, procurou montar uma espécie desses herbários literários que, no fundo, são sempre as verdadeiras antologias ... E os exemplos que apresentamos referentes às páginas mais «teóricas» sobre a fuga ao mundo e os louvores da vida eremítica e suas circunstâncias (solidão...silêncio...) poderão ser facilmente confirmados pelos que, por vezes em modalidade de breves *exempla*, respeitam aos de muitos varões – pagãos e cristãos – que, deixando o mundo, se deram à vida contemplativa. Em qualquer caso, uns e outros documentam, de diferente modo e em diferente grau, os tipos de trabalho – simples tradução..., resumo em que conserva as marcas semanticamente mais importantes do texto que está a seguir..., elaboração de outro texto a partir de pequenas unidades de outros textos... e até autênticas refundições textuais que, em relação a *Menosprecio de corte y alabanza de aldea* e a *Aviso de privados*, são, por vezes, verdadeiros casos de *contrafacta*<sup>43</sup>, etc. – com que foi urdindo a tela da sua apologia da fuga ao mundo e dos louvores da vida eremítica.

Embora sejam de menor interesse, pois representam uma erudição respigável em qualquer *officina* ou *theatrum*, apresentemos alguma página em que exemplos desses grandes do mundo que o deixaram e, dando-se à vida contemplativa, dele teceram as críticas e dela os louvores, se elenecam por referência à obras de Antonio de Guevara e de Fr. Heitor Pinto.

1

Y si tanta felicidad, y tantos bienes hallan V. reverencias en la platica y conversacion de los hombres (en la cual por la mayor parte ay daño), que tantos son los bienes, o loores, que de la conversacion, y platica dize el sabio Simonides? Antes vituperandola, y halabando al silencio, dize que en el hallo siempre, reposo, y contento, y que jamas se avia arrepentido de callar, y muchas vezes, si de hablar. Y el Philosopho Pitaco dize que jamas supo hablar, aquel que no supo callar. Plutarcho, alabando el silencio, dize, que este bien, ordenado, es, sin comparacion de mayor bien, y excelencia que la platica, y conversacion de los hombres.

Que bienes hallo S. Ambrosio, en el hablar ?, pues dize, que es sabio, el que sabe callar.

Si a S. Hieronymo, pareciera mejor, la conversacion, y plactica con los hombres, y el mucho hablar (donde nunca se escusa lo superfluo) no enseñara à hablar poco, y esse poco, à que se considerasse, primero, en mucho tiempo, porque despues no nos pese de aver hablado. Y no nos acaeza, lo que dize, Fray Hector

1

No sé cuál la causa porque tanto alabáis la lengua y la plática, porque caso que algunas veces aprovechan, por la mayor parte dañan. Decía Simónides, como lo refiere Plutarco, que de callar jamás se había arrepentido y de hablar muchas veces. Y en el libro de la crianza de los hijos dice el mesmo Plutarco que el silencio bien ordenado es grande sabiduría y de mayor excelencia que la plática. [...] Pitaco dice que quien no sabe callar no sabe hablar. [...]

San Ambrosio en el primero de los *Oficios* dice que el sabio es el que sabe callar y que nos he necesario aprender a callar. [...]

... el que mucho habla y se derrama en palabras superfluas y odiosas, ensucia a muchos y mucho más a sí. San Jerónimo dice que habíamos de considerar mucho tiempo lo que habemos de decir en poco, porque después no nos pese de haber hablado.

43. Bruce W. WARDROPPER, *Historia de la poesia lírica a lo divino en la cristiandad occidental*, Madrid, Revista Occidente, 1958 e John CROSBIE, *A lo divino lyric poetry: an alternative view*, Durham, University of Durham, 1989; Francisco Javier SÁNCHEZ MARTÍNEZ, *Historia y crítica de la poesia lírica culta a lo divino en la España del Siglo de Oro*, Alicante, F. J. Martínez Editor, 1995-1998 (vols. I, III, V dos cinco que se anunciam).

Pinto, que el que en superfluas palabras se derrama si a muchos enzuzia, mucho mas assi,  
Acosta, *Tratado*, 21r.

2

Aquel gran Caton Censorino, de quien tomaron nombre, todos los Catones, fue el mas virtuoso, y el mas estimado Romano, que uvo, en todos los antiguos Romanos, de los quales fue tan celebrado, que tenian su vida por una imagen de todas las virtudes, y por un espejo de toda gravedad, constancia, prudencia, y moderacion [...].

A este Caton, en sessenta y ocho annos, que vivio, jamas hombre le vio hazer leviandad. Ni perder la gravedad.

Deste prudentissimo Romano, dize Plutarcho estas palabras, fue Caton Censorino, en el consejo prudente, en la conversacion manso, en el corregir severo, en las mercedes largo, en el comer templado, en la vida honesto, en lo que prometia cierto, en lo que mandava grave, y en la Justicia inexorable. [...]

Ya que el buen Caton era en edad, de cinquenta y ocho annos y despues de tener las mayores dignidades de Roma assi en la pas como en la guerra, dexo, la Corte Romana, y fuesse a vivir a una aldea que estava junto a Picienio, (a do agora es Puzal,) en una granja suya que en aquella aldea tenia, y alli se estuvo el buen viejo, todo el restante de su vida grangeando y comiendo de su propria hazienda.

Como se estava el buen Caton en aquella su pobre casa, a parte, y solo, a tiempos leyendo en los libros, otras vezes podando sus viñas, escribieron con carbon a las puertas de su casa, estas palabras. O FOELIX CATO, TU SOLUS SCIS VIVERE. Y esto dixeran verdad, porque en la soledad se sabe vivir, y se aprehende a morir.

Todos estos Illustres Varones, y otros muchos (que adelante en su proprio capitulo se veran) com ellos, dexaron Reynos, Consulados, governaciones, Ciudades, Palaçios, privanças, cortes, riquezas, y poderes, y se fueron, y apararon, unos a los bosques, y montañas, otros a las caserías, y aldeas, a buscar una honesta pobreza, y una vida quieta, y no se hallara que ninguno de los que en este tratado nombro, dexo las cortes, y palaçios, por ser pobre, estar corrido, o, por averle desterrado. Sino que movidos de su pura bondad, y de su propria voluntad, fueron a dar orden en su vida antes que los salteasse la muerte.

Acosta, *Tratado*, 26v-27v

3

Deste Pericles dize Plutarco, que en treinta y seis annos que governò la Republica de Athenas, jamas hombre le vio entrar en casa ajena ni assentarse en

Pinto, *Vida solitaria*, VIII, 428, 429, 430.

2

Cathón Censorino, de quien tomaron renombre todos los Cathones, fue el más virtuoso y el más estimado romano que hubo en todos los antiguos romanos,

porque en sesenta y ocho años que vivió, jamás hombre le vio hacer liviandad ni perder la gravedad.

Plutarco dice déleestas palabras: «Fue Cathón en el consejo prudente; en la conversación, manso, en el corregir, severo; en las mercedes, largo; en el comer, templado; en la vida, honesto; en lo que prometía, cierto; en lo que mandaba, grave, y en la justicia inexorable».

Ya que el buen Cathón era en edad de cinquenta y ocho años, dejó la corte romana y fue a vivir en una aldea que estava junto a Picienio, a donde agora es Puzol, y allí se estuvo el buen viejo el restante de su vida grangeando y comiendo de su propria hacienda. Como se estava el buen Cathón en aquella su pobre casa aparte y solo, y a ratos leyendo en los libros y a tiempos podando las viñas, escribieron con carbón a las puertas de su casa estas palabras: «O felix Catho, tu solus scis vivere!». Desta tan notable antigüedad se puede coligir que ninguno cortesano en la corte sabe vivir ni aprende a morir.

Guevara, *Menosprecio*, XVII, 253-254.

Todos estos ilustres varones y otros con ellos infinitos dexaron reinos, consulados, gobernaciones, ciudades, palacios, privanzas, cortes y riquezas, y se fueron a las aldeas a buscar una honesta pobreza y una vida quieta. No diremos que ninguno destes dejó la corte por ser pobre, estar corrido, andar afrentado, verse desprivado o por haberle desterrado, sino que movidos de su pura bondad y de su propria voluntad fueron a dar orden en su vida antes que los saltease la muerte.

Guevara, *Menosprecio*, XVII, 261.

3

Plutarcho dice deste Péricles que en treinta y seis años que gobernó la república de Athenas, jamás hombre le vio entrar en casa ajena, ni asentarse en calle

calle publica, porque en la governacion era muy justo, y en la reputacion de su persona, muy grave. Ya que Pericles era viejo, y que de los negocios publicos estava harto, acordo, de salirse de la Corte, y Senado de Athenas, e irse à vivir, y à morir, à una heredad suya que tenia en una pequenna aldea, en la qual vivio otros quinze annos leyendo de noche en los libros, y arando de dia los campos.

La casa que tenia este sabio Pericles en aquella aldea tenia una puerta muy pequenna, por la qual el buen Filósofo entraba, y salia, y en çima de aquella puerta tenia escrito aquel Epitaphio, que dezia, ESPERANÇA Y FORTUNA QUEDAOS EN HORA BUENA, QUE YO HE HALLADO EL PUERTO DE HOLGANÇA<sup>44</sup>.

Deste notable exemplo se puede collegir, que ninguno en el mundo tiene vida segura, ni contenta sino despues que de los buliçios populares se retrahe à al quieta vida solitaria.

Acosta, *Tratado*, 29v-30r.

pública, porque en la gobernación era muy justo y en la reputación de su persona era muy grave. Ya que Péricles era viejo y que de los negocios públicos estava harto, acordó de salirse de la corte y senado de Athenas e irse a vivir y a morir a una heredad que tenía en una aldea, en la cual vivió aun otros quince años, leyendo de noche en los libros y arando de día los campos. La casa que Péricles tenía en aquella aldea tenía una puerta muy pequeña por la cual el buen filósofo entraba y salía, y encima de aquella puerta tenía escritas estas palabras: «Inveni portum, spes et fortuna valet». Que quiere decir: «Esperanza y fortuna, quedaos en hora buena, que yo ya he hallado el puerto de holganza».

Deste tan notable enjemplo se puede coligir que ningún cortesano con verdad puede decir que vive vida segura, si no es después que se retrae a sua casa.

Guevara, *Menosprecio*, XVII, 257-258.

Apontemos ainda por meio de alguns exemplos os tipos mais acabados de citação precisa que pratica, ainda que não muito frequentemente, Cristóbal Acosta no seu *Tratado*, já que, como aludimos, se trata de um processo complementar daquele que referimos como fontes eludidas e estruturantes do seu texto global.

1

...pues desta misma verdad, se saca la consideracion de la summa bondad de Dios, conosciendo que à los que mas ama, imbia mas enfermedades, porque nunca nuestro cuerpo, como dize el Apostol, es menos rebelde, y offendedor de su criador que quando esta enfermo, o, afligido<sup>45</sup>. Cum infirmor, tunc fortior sum, dize el sancto, palabras son estas de grande misterio, las quales declara altamente el Obispo don Antonio de Guevara<sup>46</sup>, y dize que las enfermedades que el Señor da à sus siervos es mas por les dar a mereçer, que no por los castigar.

Acosta, *Tratado*, 78v.

2

Y al que mal le paresçiere metase en el seno de si mismo, y entre en cuenta consigo (como dize fray Hector Pinto) y sanara de la lepra de sus culpas.

Acosta, *Tratado*, 95r.

1

Como el bendito Jesús era el Hijo que más Dios amaba y el Hijo com que más él se hogaba, dióle aquel cálize más a beber, dejándole más tormentos y trabajos que todos a pasar; de lo cual se puede coligir que al que más enfermedades y miserias viéremos padescer es señal que debe más que todos los otros con Dios privar. San Bernardo, a un abad enfermo, dice: Allá te envió a fray Rogerio, no para que te consuele, sino para que te sirva, que pues el Señor movido de misericordia, te quiso dar esa enfermedad de gota artérica, o fué por darte más a merecer si eres bueno o por castigar en ti algún delito, si estaba oculto. Guevara, *Oratorio*, 53, 745.

2

Quien quisiere sanar de la lepra de sus culpas, apártese de las malas conversaciones y métase en el seno de si mesmo, entrando en cuenta consigo y habrá salud y reposo.

Pinto, *Vida solitaria*, X, 441.

44. Cristóbal ACOSTA, *Tratado*, 29v, traz o original latino desta sentença no pequeno resumo com que introduz a estes aproveitamentos das páginas de A. de Guevara.

45. Como se poderá verificar, este texto depende literalmente do *Soliloquio* de Juan B. Díaz de Luco (conf. *Soliloquio y Carta desde Trento*, ed. cit., IV, 164) que citamos no nº 3 deste apartado.

46. Ao lado: «don Antonio de Guevara, en su oratorio de religiosos, c. 54», capítulo que na edição que seguimos corresponde

Bolviendo, a la grande merçed que haze Dios (como dize el sabio Lusitano) a quien saca de los laberinthos del mundo y le da un pobre recogimiento, donde viva contento à serviçio de DIOS, quitandose de los superfluos gastos, y de sus ocasiones, olvidando las injurias, y refrenando las palabras, atajando desseos, poniendo limite a sus apetitos. Cortando esperanças, velando los dias con alegría, dormiendo las noches sin sobresalto, y finalmente donde descanse no haziendo caso del mundo que no lo haze de ninguno, mas teniendo quenta con Dios que la hade pedir à todos. Acosta, *Tratado*, 95r.

3

Y Sancto Ambrosio, que el que quisiere reynar con Christo, no se puede gozar con el siglo, y el Obispo don Juan en su Soliloquio, que muchas vezes nos llama Dios y inspira à la conversion y enmienda de la vida, corrigiendo y como piadoso padre con enfermedades y adversidades castigando...

Acosta, *Tratado*, 50v.

4

Aconsejanme, mire por mi cuerpo, pues no lo crio Dios, para que yo maltratandolo mi alma del se desnude ante del Termino limitado.

A esto respondre con el obispo<sup>47</sup>, que pues afin se hade desnudar del, que miremos sera forçado en aquel espantoso dia bolverse a vestir deste mismo cuerpo, de que agora tanto rehusa desnudarse, y alli lloraran el alma tan desdichada y el cuerpo tan desventurado que se bolvieren a yuntar para juntos los dos arder en el infierno perpetuamente, y tal sera, si aqui, no pagare el alma, al cuerpo, el fuego de los malos desseos ...

Acosta, *Tratado*, 77v.

5

...siento que conosco poco lo que vale el Alma, aquel que fia su salud eterna del primero que se le offresçe, o, la quiere tratar, conosco (como dize el Obispo Don Juan deluco) que aquel tal es insufficiente, y inhabil, para se la entregar y encomendar. Y assi como muchos huyen del silencio y virtud pudiendo obrar en ella assi deve aver muchos (lo que sera mucho peor) que de industria huyen muchas vezes de los confesores habiles, y escogen los que no lo son, que es sennal clara, que el que esto haze quiere mas tener el Alma enferma con aparencias de sana, que libre de sus enfermedades.

Acosta, *Tratado*, 93r-93v.

Gran merced hace Dios a quien saca de estos laberintos y le da una pobre casa donde labre en su tierra com bueys suyos, negociando con los campos que nunca dan mala acudida, donde viva contento a servicio de Dios, quitándose gastos superfluos, olvidando injurias, refrenando las palabras, atajando los deseos, poniendo límite a los apetitos, cortando las esperanzas, velando los días con alegría, durmiendo las noches sin sobresalto y finalmente donde descanse, no haciendo caso del mundo que no lo hace de ninguno, mas teniendo cuenta con Dios que la ha de pedir a todos. Pinto, *Vida solitaria*, X, 432.

3

Éste es el que de todas tus enfermedades y adversidades querría que sacases el fruto para que la humana bondad de Dios las envía a los que ama, y así, unas veces cuando estás en ella, te representa cómo nunca tu cuerpo es menos rebelde y ofendedor de su Criador que cuando está enfermo o afligido...

Juan B. Díaz de Luco, *Soliloquio*, IV, 164.

4

Mira que será forzado en aquel espantoso día vestirse de este tu cuerpo, de que ahora rehusas desnudarte, para arder juntamente con él en el infierno perpetuamente, si aquí no apagas en él el fuego de sus malos deseos...

Juan B. Díaz de Luco, *Soliloquio*, 20, 184.

5

Gran argumento es que conocéis poco lo que vale vuestra ánima si fiáis su salud eterna del primero que se os ofrece o la quiere tratar; no solamente no sabiendo que es suficiente encomendársela, pero conociendo muchas veces que es inhábil para ello. Y, lo que peor es, que algunas veces de industria huis de los confesores hábiles y escogéis los insuficientes; señal muy clara que amáis más, los que esto hacéis, tener el alma enferma con apariencia de sana que libre de sus enfermedades.

Juan B. Díaz de Luco, *Carta...*, 194.

ao 53. Convirá notar que, apesar de correcta, a remissão apresenta uma citação que mostra a contaminação textual a que, aqui e em muitos outros lugares, procede Cristóbal Acosta com a consequência de desvirtuar parcialmente o sentido do próprio texto donde parte.

47. Ao lado. «Don Juan en su soliloquio».

V – Depois destas sugestões «exemplares» de como o médico e botânico foi urdindo a tela dos seus louvores e teoria *de vita solitaria*, procuremos ver como descreve aos seus amigos religiosos que lho pediram<sup>48</sup>, o seu «locus solitarius» e o seu «aposiento» ou seja a «caverna» ou «cavernosa habitacion» em que vive nessa misteriosa e desconhecida serra de Thyrses. Talvez esta descrição nos remeta ainda para outro tipo de fontes que o médico eremita teve presente.

A serra de Thyrses – assim nomeada em alguns lugares da obra<sup>49</sup> – compõe-se não apenas dessas «peñas» (rochedos) e desses «hoyos y barrancos» que tanto atemorizavam, pelos riscos que representavam para um velho eremita<sup>50</sup>, os religiosos amigos<sup>51</sup>, mas também, como muitas outras, de um «bosque [de] robles, encinas, olmos y otras variedades de arboles»<sup>52</sup> e de trechos que são verdadeiros «locus amoenus» – «altas y sombrías alamedas, huertas, rosales y varias flores» com alguma «fresca y clara fuente»<sup>53</sup> – e de um rio com a sua «ribera»<sup>54</sup>. Por esta silenciosa serra de que disfruta o profundo silêncio – sabendo quanto mais importante é o silencio interior, isto é, de «de corazon y voluntad» que «al solitario, y al religioso los haze señores de las virtudes»<sup>55</sup> – passeia e medita e, quando toma algum recreio, metrificica, «de los dulcesy subitiles conceptos de laureados poetas gusta», caça e pesca para o que tem um «furioso arcabuz», um «turquesco arco [con] muchas y buenas flechas», redes para apanhar pássaros e cana para pescar<sup>56</sup>...

Contrariamente ao que poderia pensar-se, não vive completamente só, pois além de um «fiel lebrer» que, seguindo-o por todo o lado, o defende de lobos e raposos<sup>57</sup> e a quem, uma noite de tempestade – que narra em todo um capítulo – deveu a vida<sup>58</sup>, tem em sua companhia ou chama «un moço» que, sempre que decide ler e meditar por entre esses penedos ou junto de alguma fonte, lhe leva livros, papel e tinta<sup>59</sup>. É o único momento da obra em que surge esse companheiro – ajudante ou criado –, personagem que poderíamos encontrar, embora sob outras roupagens, em alguns casos de eremitismo Moderno, como, por exemplo, o do jovencíssimo Gregorio López junto de um eremita de Navarra<sup>60</sup>. Também recebe visitas, pois «no [buelve] la cara a los que [le] buscan», e entre estes, como muito bem sabem os seus amigos religiosos algo escandalizados do paradoxo, «las quasi innumerables personas [le] van ver y comunicar y de [él] se valen y aprovechan así para sus enfermedades corporales, como para alguna de alma», pois o seu retiro e a sua fama «está tan descubierto y de toda esa comarca tan sabido y trillado, que no solo han alçado grandes cruces, por las vías que a ella van por no se perder los que [le] buscan, mas por la incultivada tierra, y fragosa, cerra han hecho caminos por donde hasta las puertas de [su] penna, y aposiento, [le] llevan los enfermos a cavallo...»<sup>61</sup>. Tais visitas, despachadas logo pela manhã<sup>62</sup>, se lhe fazem perder o

48. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 12r.

49. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 12r, 95v, 100r.

50. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 12r, 75r.

51. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 12r.

52. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 97v.

53. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 97v.

54. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 97v.

55. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 21r, 22r-22v, 23r.

56. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 106v.

57. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 100r.

58. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 117v-124v.

59. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 97r-97v.

60. Francisco LOSA, *Vida que el Siervo de Dios, Gregorio Lopez, hizo en algunos lugares de la Nueva España; principalmente en el Pueblo de Santa Fè*, Madrid, Por Bernardo Hervada, 1674, I, 3v.

61. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 9v-10r, 66r.

62. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 97r.



tempo que poderia dedicar à contemplação, são uma ocasião quer de poder praticar a caridade quer de mostrar, exemplarmente, a necessidade de fugir do mundo<sup>63</sup>, e um ensejo de longamente reflectir – todo capítulo – sobre a esmola e os hospitais, temas candentes em seus dias e que, em alguma ocasião, poderiam fazer do médico um partidário de Miguel de Giginta<sup>64</sup>. Apesar de, como sabemos já, não haver correio para esses sítios, também procura, algumas vezes, «visitar» os amigos com cartas em que os faz participantes das suas meditações<sup>65</sup> e, contrariamente à multidão de enfermos, desses não lastima nem as suas visitas nem as suas cartas<sup>66</sup>...

Naturalmente, como já se terá dado por suposto, apesar do que diz que diz um lugar mal citado e talvez não bem compreendido do *De doctrina christiana* de Santo Agostinho sobre os «lugares frescos, deleytosos, verdes, viçiosos de espessuras, arboledas y variedades de plantas, serca las aguas corrientes, o debaxo de las altas montanas, y grandes rocas, o peñas donde no falte el ayre que menee los frescos ramos, quando de sus suaves y frescas sombras aprovecharnos qui-siermos...»<sup>67</sup>, como os lugares mais próprios para a vida solitária, o *locus* que escolheu Cristóbal Acosta para morada nada deve à amenidade. Antes, pelo contrário, é um lugar de «montes y secas piedras»<sup>68</sup>..., «tierra fragosa»<sup>69</sup> onde se vê obrigado a saltar de penedo em penedo e em que, para além de alguma caveira com que topa<sup>70</sup>, tem erguidas cruces e letreiros sentenciosos convidando à meditação e oração<sup>71</sup>, cruces essas que, juntamente com as plantadas ao longo dos caminhos pelos enfermos que o buscavam, acabam por conferir à serra esse carácter de lugar santo que ele ressalta quando, por exemplo, se refere à «sancta penna» de Thyrses. Um lugar onde, por entre «hoyos y barrancos»<sup>72</sup>, – em que, como temiam os amigos religiosos, alguma vez cai<sup>73</sup> – apenas brotam «duras encinas»<sup>74</sup>, pois aí, por não haver água, também não há «arboles frutales» «por la tierra no los dar», o que o impede, como aconselhava S. Jerónimo a Rústico com versos das *Geórgicas*, de recrear-se a fazer enxertias de árvores de fruto<sup>75</sup>. O mais que consegue, com os olhos ainda postos nessa mesma carta de S. Jerónimo, é ter umas colmeias «para en los intervalos que el tiempo [le] da, contemplar en la fabrica de las benditas, y sabias abejuelas, de cuiu orden depre-hendo la real y sancta disciplina conventual...»<sup>76</sup>. Como igualmente temem os seus amigos religiosos, por este «desierto» podem aparecer ladrões, «abutres, o vagamundos» «que al olor de la moneda [le] quiten el pelejo...»<sup>77</sup>, mas de uns e outros o livrará o seu fiel lebre, pois não consente «que lobo, raposo, perro culebra, lagarto, ni otra cosa biva, o hombre del no conosci-do se llegue a [él]»<sup>78</sup>.

63. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 24v.

64. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 58v.; Miguel de GIGINTA, *Tratado de remédio de pobres* (Coimbra, António Mariz, 1579) (Ed. y estudio introductorio de Félix Santolaria Sierra), Barcelona, Ariel, 2000.

65. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 66r.

66. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 66r.

67. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 74v-75r; José Adriano de Freitas CARVALHO, «Eremitismo em Portugal na Época Moderna: homens e imagens», *Via Spiritus*, 9 (2002), 83-145 (129, nº. 208) em que se analisou a referida citação de Santo Agostinho.

68. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 84r.

69. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 64v.

70. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 48r.

71. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 48r, 48v, 100v.

72. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 12r, 83v.

73. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 118r.

74. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 13r, 91v, 97v.

75. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 97v-98r.

76. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 98r.

77. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 10r, 76r, 76v.

78. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 100r.

Cerca da sua habitação sabemos ainda que tem «un tosco poyo» e, em lugar apropriado, cravada num pequeno rochedo («peñuela»), «una grande cruz» – «grande en todo» – com um hino em hexâmetros na base e diante da qual, algumas vezes, «em tiempos oportunos», faz as suas orações<sup>79</sup>. Aí, no meio desses rochedos, assentou a sua «caverna» ou «cavernosa habitacion»<sup>80</sup> onde, se tem «banco y sillas de dura encina...»<sup>81</sup> e uma «lapidosa mesa», quer dizer, uma «firme mesa de piedra»<sup>82</sup> em que, adaptando Guevara, toma, quando lhe apetece e como lhe apetece<sup>83</sup>, os «pocos», «simples» e «mas naturales manjares»<sup>84</sup>, não tendo leito, pois o seu é «estrado de tierra»<sup>85</sup>. Traços de de um ascetismo penitente dentro dos limites das suas forças de homem livre e «de mucha edad»<sup>86</sup>. Notemos ainda, que, como explica aos seus amigos religiosos admirados do abandono «de aquellos curiosos quadros, y varias curiosidades de que [tenía] [su] estudio y aposiento lleno» quando vivia no mundo, a sua «caverna» ou «quieta cueva»<sup>87</sup> tem, agora, «diante de la ventana» «una muerte» – «hermoso retrato de la vida» – que é a pintura que mais estima e aquela que traz permanentemente na sua memória com o apoio dos dois letrados que a flanqueiam<sup>88</sup>; depois, como esclarece aos seus amigos, «afuera de um crucifixo, y una imagen de Nuestra Señora, un S. Jeronimo», todo o seu aposento «esta pintado por todos los lados de varias muertes, mostrandose por todas sus partes, y cada una tiene su epytaphio, sentencia, y aviso...», de que o mais importante reza, emblematicamente, «memento mori, y conoscete peccador»<sup>89</sup>. Quase poderíamos dizer que a sua caverna de eremitação era como que um decalque abreviado do muro da dança da Morte no «camposanto» de Pisa<sup>90</sup>... onde, aliás, curiosamente, também se patenteiam as não menos célebres cenas da vida dos eremitas do deserto...

Deixamos para o fim lembrar que na sua cova tem ainda «cuatrocentos cuerpos de libros»<sup>91</sup>, esses livros que são os verdadeiros amigos do solitário e com quem constantemente conversa, pois não há «conversacion mas dulce, y mas provechosa que la que el solitario tiene con sus libros»<sup>92</sup>, perspectiva esta que, elaborando, em diversos tons, o ciceroniano princípio do «ócio com Letras» metamorfoseado em «soledad con libros»<sup>93</sup>, atravessa toda a obra de quem era um bom leitor não só de um S. Jerónimo, mas também desse Petrarca, mestre *de vita solitaria* de tantos eremitas literários<sup>94</sup>, lido, algumas vezes, nas páginas de um Fr. Heitor Pinto<sup>95</sup>... Se sabemos, porque ele rei-

79. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 100v-101r. Havemos de confessar que não nos foi possível lograr a identificação deste hino cujo incipit é *O virtute nova, semper mirabile lignum...*

80. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 12v, 100r.

81. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 117r.

82. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 10r, 109r, 117r.

83. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 109r-109v.

84. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 84r, 85v-86r.

85. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 117r.

86. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 45v.

87. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 108r.

88. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 125v: «Tiene este mi heroso retrato de la vida, en una mano, un letrado que dize: *a ninguna edad, fuerza, ni calidad perdono, y a nadie ago agravo y en la otra, el que se quiere aprovechar de su vida tenga siempre en la memoria el fin della.*»

89. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 126r.

90. Victor INFANTES, *Las danzas de la Muerte. Génesis y desarrollo de un género medieval (Siglos XIII.XVII)*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1997; «Las danzas de la Muerte: La damaturgia poética de una iconografía» em *La Mort com a personatge, l'assumpció com a tema* (Edició de Josep Lluís Sirera), Elx, Institut Municipal de Culture, 2002, 175-192.

91. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 64r.

92. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 17r-17v.

93. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 43r.

94. Eugenio MASSA, *L'eremo, la Bibbia e il Medioevo in umanisti veneti del primo Cinquecento*, Napoli, Liguori Editore, 1992, 18, 55 *et passim*.

95. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 29r, 32r.

teradamente o diz, quando os lia e até como os lia e como os levava pela serra<sup>96</sup> numa constante afirmação dessa ideal e idílica solidão com Letras – esse «amour des Lettres et désir de Dieu» que, como se sabe, foi um traço profundo da vida monástica –, sempre lastimaremos que não nomeie os que mais estimava, embora seja legítimo supor que, pelas vezes que os cita e os extracta, por esses «hoyos y barrancos», por essas «peñas» em que, em atitude melancólica, se sentava ou se recostava<sup>97</sup>..., ía lendo a Bíblia – sempre está referindo a sua «consideración» na Sagrada Escritura<sup>98</sup> –, as obras de Fr. Antonio de Guevara..., de Fr. Heitor Pinto..., de Juan Bernal Diez de Luco..., Vincentius Bellovacensis – de quem cita muitas vezes o *Speculum Morale* a propósito da esmola<sup>99</sup> – as Epístolas de S. Jerónimo... São autores que, pelas vezes que os refere e extracta, não podia deixar de ter no seu cavernoso «studio»... Aliás, podia evocar um bom precedente e um bom patrono: S. Jerónimo. Com efeito, se eremita em Calcis, «soledad abrasada de los ardores del sol» onde era «compañero sólo de escorpiones y fieras», se dedicava a estudar hebráico<sup>100</sup>, não diziam, admirados, os que depois o conheceram em seus dias de monge em Belém, que S. Jerónimo, esse patrono de monges e penitentes, «ocupa todo su tiempo en lecturas y libros y no descansa ni de día ni de noche; siempre está leyendo o escribiendo alguna cosa?»<sup>101</sup> É um modelo que talvez devamos de reconsiderar neste contexto...

De qualquer modo, apesar da dureza do lugar e da sua «spelunca»<sup>102</sup>, podemos compreender que, tudo somado, pudesse tranquilizar os seus amigos declarando que «[su] habitación no es tan mala como la pintan...»<sup>103</sup> e que, como toda a tradição monástica, considerasse a vida que fazia e de que dava graças a Deus como uma «vida angelica»<sup>104</sup> ou «celestial»<sup>105</sup> e a solidão, assim compreendida, como o Paraíso reencontrado<sup>106</sup>, outro tema, como bem se sabe, tão caro ao monaquismo<sup>107</sup>, que, por um momento, a propósito dos banquetes que se usam no mundo contrastantes com a temperança dos Antigos e a dos verdadeiros religiosos<sup>108</sup>, se cruza no *Tratado* do nosso autor com a evocação do «tiempo felice» da «edad de oro»<sup>109</sup>.

VI – Descontadas as suas constantes e tão tópicas como naturalmente esperáveis invectivas contra o «mundo vano, valle, y laberinthio de miserias», etc., etc. – que atravessam toda a obra, seria interessante, mas não nos interesse aqui, ponderar a repartição das suas horas e seguir as suas ocupações ao longo do dia, já que ele, porque assim lho tinham pedido os religiosos seus amigos, as descreve, as suas meditações ao levantar e ao deitar..., o atendimento dos doentes que o procuram<sup>110</sup>..., as orações que reza para além do breviário<sup>111</sup>..., os seus tempos de leitura e escrita..., as

96. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 97r-97v: «aquietome a despachar los que me esperan, y cumpliendo con esta obligacion, con mis mangas, y faldiqueras llenas de libros, y un moço con otros, papel y tinta, y a vezes solo, llevandolo, yo todo, me voy por entre estas pennas, y riscos paseando, y rezando, o, estudiando...».

97. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 48r.

98. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 74r, 86v et passim.

99. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 52v, 53r, 60v, 61r.

100. García M. COLOMBÁS, *El monacato primitivo*, I, *Hombres, hechos, costumbres, instituciones*, Madrid, BAC, 1974, 218.

101. García M. COLOMBÁS, *El monacato primitivo*, I, ed. cit., 234.

102. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 123v.

103. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 86v.

104. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 14r, 74r, 89r, 136r.

105. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 88r.

106. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 89r.

107. García M. COLOMBÁS, *El monacato primitivo*, II, *La espiritualidad*, Madrid, BAC, 1975, 278-314.

108. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 190r, 115r.

109. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 110v-111r.

110. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 76r.

111. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 98r.

suas refeições..., os seus «entretenimientos en el desierto»..., o seu parco abrigo – pouco mais que uma «luctuosa capa» que lhe lhe serve de manta e, algumas vezes, de «panno de manos y aun de manteles»<sup>112</sup> –, o seu repassar de «las dulces razones, y altos conceptos que [ha] collegido de los libros» que leu durante o dia..., as graças que rende a Deus por se ver «en tan dichoso estado»..., etc.. Muito mais interessante, porém, é fazer notar que para Cristóbal Acosta toda a sua vida de solitário é uma afirmação, se não uma exaltação, dessa «joya preciosa» que é a liberdade<sup>113</sup> – uma perspectiva tradicional mesmo que nem sempre pacífica<sup>114</sup>, mas que ele, muitas vezes, afirma traduzindo textos em que D. Antonio de Guevara faz, pela mesma razão, a «alabanza de aldea»<sup>115</sup> –, uma liberdade que se materializa tanto na errância pela serra<sup>116</sup> e na distribuição do tempo<sup>117</sup> como no saber-se «senhor de si mesmo»<sup>118</sup> e de «[su] casa a do [pude] hazer lo que quisiere y dezir lo que [quiere]»<sup>119</sup> – «no mandar ni ser mandado»<sup>120</sup> –, na simplicidade do vestido<sup>121</sup>..., na variedade de ocupações – «assi a vezes leyendo, escribiendo, retratando, entallando»<sup>122</sup> – e dos modos e tempos de oração – «a voces y en secreto», pois «podemos en esta soledad usar, y gozar con mas libertad que en poblado de las cerimonias en rezando que nos son permitidas, y mostradas por Dios»<sup>123</sup>, quer dizer, «tenemos aqui libertad para orar, quando con las manos, y los ojos levantados al cielo, quando de rodillas, o en pie, la cabeça inclinada, los ojos en tierra, y el espiritu en el cielo, quando el cuerpo encorvado, y quando de bruços, o totalmente en tierra postrado. Para todos tenemos lugar, licencia, y exemplo, y no haremos en ello novedad, ni se nos imputará de los sabios à hypocrisia»<sup>124</sup> –, aspecto este último em que poderia ver-se um assumir de um certo anti-formalismo de boa cepa monástica. Com efeito, se um antigo monge do deserto, Evagrio, podia dizer «no te complazcas en la multiplicidad de los salmos, que arroja un velo sobre tu corazón. Más vale una sola palabra en la intimidad que mil en la distancia...»<sup>125</sup>, também Cristóbal Acosta lembrava aos seus amigos religiosos que «el perfecto orar... mas se hade tratar con Dios por gemidos en el divino amor encendidos, y por lágrimas de verdadera contrición destiladas que por blandura de razones, y palabras bien habladas...»<sup>126</sup>, princípios que muitos humanistas, erasmizantes ou não, também fizeram seus, mesmo aqueles que, como o nosso autor, se decidiram a fazer a experiência da vida eremítica sem o imediato compromisso de votos religiosos<sup>127</sup>.

E, desde esta perspectiva, convirá ter sempre em conta que, apesar da sua veemente «apologia», a vida eremítica, contrariamente ao que pensavam os monges do deserto, para quem o verdadeiro monge era o anacoreta, não é para Cristóbal Acosta o modo de vida religiosa mais perfeito. Efectivamente, como já sugerimos, este retiro do mundo nos «altos riscos, y peñascos

112. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 117r.

113. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 85v.

114. García M. COLOMBÁS, *El monacato primitivo*, I, ed. cit., 74; II, ed. cit., 190, 193.

115. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 68v, 72v, 107r.

116. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 97v.

117. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 124r.

118. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 107r, 115v.

119. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 124r.

120. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 73r, 28v.

121. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 72v.

122. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 98v, 97v.

123. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 103v.

124. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 104r-105v, páginas em que pormenoriza as diversas formas em que a um eremita é possível, sem ter de se submeter a reparos, orar.

125. García M. COLOMBÁS, *El monacato primitivo*, II, ed. cit., 335.

126. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 106r.

127. Eugenio MASSA, *L'eremo, la Bibbia e il Medioevo in umanisti veneti del primo Cinquecento*, ed. cit., 102, 103, 113-119.

thyrseos»<sup>128</sup> é, como reiteradamente afirma, um tirocínio, isto é, um tempo de exercício, propedêutico, para a vida monástica de tipo cenobítico que pretende seguir: «todo el tiempo que en esta penna exercitandome [estoy] para la vida en que espero recogerme monastica»<sup>129</sup>, pois desta, de «mayor perfeccion», «esta sin comparacion mas cercano, y derecho el camino para la perpetua que se espera...»<sup>130</sup>. Só então, preparado por essa experiência<sup>131</sup>, fará os votos exigidos ao verdadeiro monge<sup>132</sup>... Entretanto, solitário, sem qualquer referência a missa e sacramentos – o que também cabia na tradição dos eremitas do deserto<sup>133</sup> – vai aprendendo dos livros e das «benditas y sabias abejas» «la real y sancta disciplina conventual...»<sup>134</sup>.

VII – Convém, porém, igualmente lembrar aqui que se é relativamente fácil determinar as fontes da sua «apologia» da vida solitária, não parece fácil encontrar fontes literárias para a arquitetura do seu *locus solitudinis* e da sua «cavernosa habitacion». Por isso, atrevemo-nos a sugerir que examinemos alguma iconografia, muito especialmente a que tem por centro a esse S. Jerónimo que, como vimos, não é apenas um autor seu, mas também um seu padroeiro cuja imagem está na sua cova. Teremos até notado que além do crucifixo e da imagem da Virgem Maria, S. Jerónimo é o único santo que nessa caverna entre penedos e barrancos tem honras de altar. Talvez, por isso, depois de examinar alguma iconografia do santo que o Renascimento amou e as reformas e contra-reformas tanto promoveram<sup>135</sup>, não seja ilegítimo pensar que essa imagem, para além de uma função quase emblemática, poderá presidir, definindo-a, à visão eremítica que da sua experiência de solitário oferece C. Acosta, carregando-a, salvo melhor opinião, de patentes mimitismos hieronimitas, o que, verdadeiramente, não é de estranhar quando sabemos quanto os fundadores sempre foram não só uma pauta de vida, mas também, tantas vezes, modelos de gestos e atitudes. E não esqueçamos que S. Jerónimo continuava a ser, como proclama Acosta, apelando também ao que já se pôde, com acerto, dizer «le type éternel de saint Jérôme»<sup>136</sup>, «un gran exemplo» para todos os que escolhem viver na solidão<sup>137</sup> e que ele continuamente glosa. Seria, aliás, um belo exercício repassar, um dia, sistematicamente, as inúmeras perspectivas em que já apelando para o seu exemplo já para os seus escritos, Cristóbal Acosta vai perfilando o seu S. Jerónimo...

Se atentarmos em algumas das mais vulgares representações iconográficas de S. Jerónimo no «deserto» quer sejam as que nomes relevantes da pintura renascentista executaram – um Lorenzo Monaco..., um Vittore Carpaccio..., um Vincenzo Catena..., um Marco Zoppo..., um Piero della Francesca..., um Lorenzo Lotto..., um Domenico Ghirlandaio... e, entre nós, um Mestre da Lourinhã – quer as que toscas gravuras que ilustravam folhetos de cordel<sup>138</sup>, é fácil, demasiado fácil talvez, verificar que a representação literária do «desierto» de Thyrses – os seus rochedos e fragas...,

128. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 124r.

129. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 64v, 94v, 107v, 144r.

130. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 74r, 143v.

131. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 88r.

132. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 95r.

133. García M. COLOMBÁS, *El monacato primitivo*, II, ed. cit., 160, 190.

134. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 98r.

135. Daniel RUSSO, *Saint Jérôme en Italie. Étude d'iconographie et de spiritualité, XIII-XVIème siècles*, Paris-Rome, Editions de la Découverte/ Ecole Française de Rome, 1987, 117-148.

136. Daniel RUSSO, *Saint Jérôme en Italie*, ed. cit., 276.

137. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 16v.

138. Ana Isabel MARTÍNEZ, «La difusión popular de la faceta eremita de San Jerónimo en el siglo XVII español», *Via Spiritus*, 9 (2002), 147-183.

os seus perigosos barrancos..., as duras árvores... – está muito próximo do de Calcis por onde se penitenciou, um breve tempo, o autor do *de laude vitae solitariae*.



Figura 1 – Lorenzo Lotto, *S. Jerónimo*

Também não seria difícil escobrir no Jerónimo que nesse deserto, à sombra das árvores e junto de altas rochas, sempre está lendo e meditando, um modelo que Cristóbal Acosta como que transforma num autoretrato



Figura 2 – Giovanni Bellini, *S. Jerónimo*



do mesmo modo que não será violento propor que dos inúmeros Jerónimos penitentes ajoelhados diante do Crucificado bem poderia ter brotado, em tons menos penitenciais, a imagem que de si mesmo oferece Acosta orando diante de uma grande cruz plantada numa rocha junto da sua «cavernosa habitación».



Figura 3 – Girolamo di Benvenuto,  
*S. Jerónimo*

E se quisermos um pequeno pormenor que, de algum modo, nos ajude a confirmar esse modelo, atentemos que Cristóbal Acosta, ao pintar-se aos seus amigos religiosos sentado na terra ou, às vezes, em «un tosco poyo» «recostada la lacrimosa mexilla sobre la terrena mano»<sup>139</sup> – atitude que em tempos modernos (e nem sempre nos medievais) traduz, como se sabe, o gesto iconográfico da Melancolia<sup>140</sup> – parece a lembrar-se de algum quadro em que se vê S. Jerónimo na mesma atitude:

139. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 49r.

140. Raymond KLIBANSKY, Ervin PANOFKY et Fritz SAXL, *Saturne et la Mélancolie*, Paris, Gallimard, 1979, 336-337, 433-646; Daniel RUSSO, *Saint Jérôme en Italie*, ed. cit., 234-238; François Garnier, *Le langage de l'image au Moyen Âge. Signification et symbolique*, Paris, "Le Léopold d'Or", 1982, 181-184; *Le langage de l'image au Moyen Âge, II, La grammaire des gestes*, Paris, *ibid.*, 1989, 118-120; Michel PASTOUREAU, *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*, ed. cit., 321-322.



Figura 4 – Vittore Carpaccio, *Meditação sobre Cristo Morto*

E que diremos dos «quatrocientos cuerpos de libros» que tem na sua caverna? Para felicidade nossa e para a facilidade da nossa aproximação não sabemos como tinha dispostos esses 400 livros, mas a quem, nesse seu deserto, tinha um moço que o ajudava a transportá-los, papel e tinta e daí escrevia epístolas expondo as suas meditações, não o atraioaremos se o imaginarmos a arumá-los com a bela ordem com que alguns desses estudos «à humanista» pretendem sugerir o amor de S. Jerónimo aos livros e à escrita...



Figura 5 – Vincenzo Catena, *S. Jerónimo no seu estudio*

E como não havia liões pela serra de Thyrses, Cristóbal Acosta teve de se contentar com um lebre, fidelíssimo e, como o lião de S. Jerónimo, agradecidíssimo<sup>141</sup> e que, por outras razões, também seguia o seu dono por toda a parte... E até não faltam representações de S. Jerónimo em que o seu lião dir-se-ia afugentar os intrusos e inconvenientes que podiam perturbar a sua quietude...

VIII – Pensamos ter sugerido que para a construção do seu *Tratado en contra y en pro de la vida solitaria* Cristóbal Acosta utilizou não só uma estrutura literária bem corrente nos seus dias – a carta – e a aplicou na montagem de uma experiência autobiográfica. Servindo-nos de um exemplo célebre, *Lazarillo de Tormes*, podemos ver como, tal como o anónimo autor dessa novela, Cristóbal Acosta provocou um carta-pergunta seguida de uma carta-resposta. A única diferença reside em que em *Lazarillo de Tormes* a carta-pergunta quase a temos que adivinhar pelas entrelinhas da carta-resposta de Lázaro a «Vuestra Merced», ao passo que Cristóbal Acosta nos dá a conhecer integralmente a carta em que os seus religiosos amigos, provocando-o com «fraternas» críticas, ditaram a sua resposta a favor desse estilo de vida. Por outro lado, de certo modo, as duas cartas não são mais do que um colóquio que sobre a sua inesperada decisão e experiência eremítica mantem, à distância, com esses seus amigos religiosos, contestando mesmo directamente a objecções concretas de algum deles. E deste modo, Cristóbal Acosta não fazia mais do que, por meio de um género literário diferente, mas homólogo – a carta é sempre uma forma de diálogo –, retomar, extractando-o, resumindo-o e citando-o com louvores, esse colóquio que sobre a vida solitária tinha escrito Fr. Heitor Pinto. Em qualquer caso, o seu *Tratado en contra y pro la vida solitaria* resulta ser uma perfeita construção em que a montagem de textos a que procedeu, torna, tantas vezes, mais evidente, pois tanto a carta-pergunta como a carta-resposta, desde o começo, derivam, nos seus argumentos e na sua estrutura, das mesmas fontes, muito especialmente, pelo que a inspiração, estrutura e aproveitamentos textuais diz respeito, da obra do jerónimo português... E esse carácter de contrução do *Tratado* do médico e botânico português pode ainda perceber-se, como também tentamos sugerir, na modelagem do seu deserto e até de alguns mimetismos derivados, uns e outros, da iconografia de S. Jerónimo, esse S. Jerónimo que tendo feito uma breve experiência eremítica – a *Legenda Aurea* fala em quatro anos... – no deserto de Calcis acabou, como se sabe, por se fazer cenobita no mosteiro que, em Belém, para ele e seus companheiros construiu Santa Paula. Será então violento ver na experiência de vida solitária que Acosta diz estar a levar como etapa propedêutica para a vida monástica, vida mais perfeita, em que espera morrer, a imitação – e utilizamos o termo no sentido técnico que tinha na cultura renascentista que era a do médico português – do itinerário desse S. Jerónimo, que, com violência e dissimulando mal as suas simpatias e antipatias, muitas vezes, umas e outras, injustas, pregava em Roma a grandes e pequenos – mas, talvez, mais aos grandes... – a fuga do mundo para a solidão? É, por agora, uma sugestão que gostaríamos de vir a saber que pode também ser uma boa hipótese...

Convirá, porém, ter em atenção que se o carácter de imitação, por si mesmo, não é suficiente para invalidar que essa experiência tenha sido, como pretendem os seus biógrafos, uma realidade – uma realidade tão literariamente construída que o próprio nome da serra, Thyrses, a poderia ajudar a suportar, já que é nome de pastor que utiliza alguma poesia do seu tempo<sup>142</sup> – terá que ser com recurso a outros documentos que não o *Tratado* que evocamos, que a poderemos vir a confirmar.

141. Cristóbal ACOSTA, *Tratado...*, 100r.

142. José Adriano de Freitas CARVALHO, «Eremitismo em Portugal na Época Moderna: homens e imagens», *Via Spiritus*, 9 (2002), 83-145 (125, nº. 187).

De qualquer modo, independentemente do que vier a revelar-se essa obra em relação à biografia de Cristóbal Acosta, não deixa de ser significativo que surja – e para ele contribua – num contexto em que desde o último quartel do século XVI se constata o adensar-se da discussão em torno da vida contemplativa de corte eremítico – e o que ela conleva quer como proposta de via pessoal, quer como estilo de vida e de oração – que, com os matizes que se quiserem, tem em o «Diálogo da vida solitária» da *Imagem da vida cristã* uma das suas mais logradas e difundidas manifestações que ainda ecoam, um tanto tardiamente, é certo, no *Tratado do desejo que hũa alma teve de ir viver no deserto, pera servir a Deos com grande pontualidade* (Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1631) de Felipe da Luz, OSA. Tal discussão que não é mais que um modo de expôr e valorizar esse estilo de vida *abscondita* como radical oposição ao mundo, vê-se respaldada por exemplos literários e iconográficos atinentes a consagrá-la na variedade das suas formas: a *Historia de S. Romualdo, Padre y fundador de la Orden Camaldulense, que es una idea y forma perfecta de la vida solitaria* (Madrid, Por el Licenciado Castro, 1597) de Juan de Castañiza, OSB., *La vida que hizo el siervo de Dios Gregorio Lopez en algunso lugares de esta Nueva España* (Mexico, Juan Ruiz, 1613), de Francisco Losa, o *Exemplo de solitarios, y vida exemplar del hermano Martin, solitario en el bosque del Albayda* (Pamplona, Andres Carrillo, 1620), são apenas três insignes amostras de um interesse que perpassa igualmente não só nas aspirações de uma Santa Teresa..., mas também na *Alegoria de la orden de los camaldulenses* que El Greco pintou em 1597<sup>143</sup>. É até possível que uma análise sistemática de autores e obras venha, um dia, a revelar que esse interesse pela vida eremita e pelo ermitão seja confluyente com a reabertura que se verificava por esses mesmos dias a favor da oração contemplativa, traduzida, tal reabertura, na reedição de muitos textos vedados desde 1559. Alguns dos combatentes por S. Romualdo também o são pela publicação das *Insi-nuationes divinae pietatis* de Santa Gertrudes...

Por agora, já nos consideraríamos satisfeito se tivéssemos conseguido justificar algumas dúvidas que fomos propondo sobre a real dimensão da experiência que Cristóbal Acosta expõe no seu *Tratado en contra y pro de la vida solitaria*... Em 1587.

---

143. Alain SAINT-SAËNS, *La nostalgie du désert. L'idéal érémitique en Castille au Siècle d'Or*, San Francisco, Mellen Research University Press, 1993, 168.